




RB198796



*Presented to the*  
LIBRARY *of the*  
UNIVERSITY OF TORONTO  
*by*  
Professor  
Ralph G. Stanton

2 4801



Digitized by the Internet Archive  
in 2010 with funding from  
University of Toronto



100.



NEWTON,

POEMA.

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.



LISBOA,  
NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1813.  
*Com licença.*

*Sciscitanti caelestium causas, domesticis*  
*Interpres.*

Seneca, Cons. ad Marcian.

1125 A.  
Bibliotheca Regia. Anno 1813.  
Com. 1125 A.



---

## P R O E M I O.

O Mundo deve aos Conquistadores desgraças, lagrimas, e lutos; o Mundo deve a Newton verdades, sciencia, e luzes. Se inquietar os homens tem merecido tantas Epopéas, porque não merecerá hum Poema quem illustra, e quem ensina os homens? Ah! se chegará o tempo de se conhecer, que huma penna he mais util que huma espada! Canta-se com enfasi quem conquistou huma Provincia, e porque não ha de ser cantado aquelle de quem se póde dizer, que conquistára a Natureza, obrigando-a, á força de estudo, e engenho, a revelar seus mais reconditos arcanos? He preciso que conheçamos que o Imperio da Poesia tem limites muito mais extensos do que até agora se julgava; e eu creio que o seu melhor emprego he a contemplação, e a exposição deste sempre antigo, e sempre novo quadro, que se chama a Natureza. A simples intuição de seus prodigios, e o estudo destes mesmos prodigios, dilata, e

accende mais a imaginação do verdadeiro Poeta , que todas as chamadas grandes acções dos Conquistadores , ou perturbadores da Terra. Se o homem só se deve chamar grande , quando he verdadeiramente util aos outros homens , quem poderá pôr em dúvida que os descobrimentos , e as mesmas hypotheses de Newton sejam mais uteis aos mortaes do que as expedições da Cruzada , que derão a materia ao Poema de Tasso ? Quem illustra a humanidade he maior que quem a diminúe. Newton merecia hum Poema , as Musas lho devião , eu satisfiz esta divida ; se a satisfiz bem , a critica o dirá ; em quanto aos miseraveis reparos da escura Inveja , prepare-se esta , porque a mesma chamma , que se me desprendeo n'alma para cantar Newton , me obriga a consagrar igual tributo de louvor a Buffon.

---

---

NEWTON,  
POEMA.

---

CANTO I.

**J**Á da Aurora ao clarão suave, e puro  
Cedia o campo azul do immenso espaço  
D' estrellas recamada a noite umbrosa;  
Nuncia do dia, ás lucidas esferas,  
Da luz primeira undulações mandava.  
Das mãos de neve, e do purpureo rosto  
Branças brilhantes pérolas cabião  
No verde esmalte dos rizonhos prados;  
De ondas immensas de escarlata, e d'ouro  
Era o ceo do Oriente envolto, e cheio;  
E pelo espaço liquido dos ares  
Os adejantes Zefyros das azas  
Da manhã fresca os hálitos soltavão;  
E a vaga turba aligera nos bosques,  
Dava o tributo dos primeiros hymnos  
Da Natureza ao renascente quadro.  
Quasi rompia o flammejante disco,  
Que onde soberbo, e vívido fulgura,  
Prazer espalha, e graças aviventa,

E mostra em luz envolto o Mundo ao Mundo.

Depondo o pezo do voraz cuidado,  
 (Amargo pezo da existencia minha!)  
 Eu no prazer do esquecimento envolto,  
 E, á desgraça esquecido, então pousava.  
 Do doce somno em balsamos immerso,  
 Somno em que meiga a Natureza furta  
 A' existencia mortal trabalho, e magoa;  
 Eis-que sinto levar-me . . . (e como, e onde  
 Eu não posso dizer.) Voei nas azas  
 De arrebatados extasis sublimes.  
 Sonho, sonho não foi; que mil confusas  
 Na fantasia imagens apresenta.  
 Extasi foi sómente, e arrebatado  
 Eu fui de hum Genio habitador do Olympo,  
 Que ao pensamento do mortal qu' indága  
 Abre do eterno arcano eternas portas,  
 E, n'hum centro de luz, lhe mostra o immenso  
 Da Natureza o variante quadro.  
 Do Grande Scipião dest'arte á vista  
 Talvez n'hum tempo se mostrasse a Gloria,  
 Que a prosseguir na bellicosa estrada  
 Lhe manda, e lhe descobre o alto destino,  
 Que aniquilla Carthago, exalta Roma.  
 Já pizo o aereo cume, e a luz brilhante  
 Auri-luzente se diffunde, e espalha.  
 Como do meio do profundo Oceano  
 Costuma alçar-se desmedido escólho,  
 Que vê quebrar-se nas eternas bazes,  
 Já languida, e sém força onda espumante:  
 Se olha do cume as voadoras nuvens,

E os ressonantes tumidos chuveiros,  
 Se ouve o horrendo fragor do accezo raio,  
 Sereno permanece, e sente apenas  
 Que a triste escuridão nas faldas pouza;  
 E onda, e vento debalde a baze açoita.  
 Assim eu, levantado á immensa altura,  
 Hum ar tranquillo e puro, e luz mais clara  
 Bebo em torrentes, e descubro apenas  
 Grossas nuvens pousar na Terra inerte.  
 Eis no gremio da paz serena, e doce,  
 Se me antolha pizar de Heróes o alcaçar,  
 Extatico bradando, ah! não, por certo,  
 Pode ser este o terreal assento!  
 Hum céo sereno, e Primavera eterna  
 Celestes flores, e não vistas plantas,  
 E, cheios de prazer, bosques sombrios,  
 D'aguas mais puras borbulhantes fontes,  
 Não por certo não tem mesquinho Globo!  
 Sem véos aqui contemplo, aqui descubro  
 Essa invisivel fluida substancia,  
 Que em torno fecha, e que circunda a Terra;  
 Que em si nuvens contém, contém vapores;  
 Que em si tantos fenómenos acolhe;  
 Que he necessaria tanto, aos sons, á vista,  
 Ao fogo, á vida, ás arvores, ás plantas!  
 O' da Divina mão alto, infinito  
 Poder nunca entendido! Se a atmosfera  
 Não refrangesse a nós do Sol os raios,  
 Não se virão brilhar n'azul campina  
 Em distancia infinita immensos astros:  
 Nem o doce crepusculo se vira,

Ou quando o mesmo Sol s' esconde, e fôge,  
 Ou quando n' horizonte inda não surge,  
 Mas debil raio matutino espalha.

Se volvo aos ceos extático meus olhos,  
 Vejo proximo o Sol, da luz origem;  
 O pelago de fogo, a ardente massa,  
 De que he composto o fulgurante corpo.  
 He elle o fixo, o luminoso ponto,  
 Elle o centro commum qu' em torno cercão,  
 Sem cessar gravitando, aureos Planetas.  
 A Lua já descubro, e vejo os mares,  
 Os largos, fundos, procellosos rios,  
 Que parecem, da terra, obscuras manchas,  
 Quando a vista de lá nos ceos espalho.  
 Ilhas descubro, altissimas montanhas,  
 De cujas frentes escabrosas desce  
 A luz reflexa, que da Terra eu vejo,  
 Luz que lhe empresta o fulgurante globo,  
 Origem della, e do calor origem.  
 Seu móto vario, e desigual contemplo  
 Com que mostra em seu gyro incerto o rosto;  
 Talvez proceda da diversa, e forte  
 Visivel atracção do Sol, e Terra,  
 Do eixo obliquo em que se agita, e móve.

Mais vivos que os Planetas, mais brilhantes  
 Em viva luz aos olhos se offerecem  
 Em sempre incerta, e variante fórma  
 Tão vastos, tão excentricos Cometas,  
 Tardios em mostrar-se, e sempre infaustos  
 A' vil superstição do vulgo insano,  
 Agoiro triste aos pálidos Tyrannos!

São duraveis, e sólidas substancias;  
 Da mão do Eterno Artifice são obras.  
 O Nada as produzio, quando na origem  
 Do Mundo lhe mandou, que fosse tudo.  
 Não quaes ousou julgar rude ignorancia  
 Ligeiros fogos de temor objectos,  
 Sem orbitas, sem leis, sem marcha, e centro.

Quantas contemplo lucidas estrellas!  
 Quantos Astros centraes! Quão luminosos,  
 Quantos, quantos satélites veloces  
 Em torno delles caminhando eu vejo!  
 Em tão diversos, tão distantes corpos,  
 Tão varios entre si, tanta harmonia!  
 Minha aima se confunde, e se deslumbra  
 Debil vista mortal. Tudo me opprime,  
 Eu só prodigios, só milagres vejo!  
 Entro no abysmo do silencio, e fico!...

Qual o que sóbe do Apenino ao cume,  
 E alonga os olhos pelo immenso plano,  
 Onde outr'ora s'ergueo Latino Imperio,  
 Vastas Cidades vê, ferteis campinas,  
 E os restos immortaes do fasto, e gloria,  
 Que inda em quebrados marmores avulta,  
 Vê longos rios retalhando os campos,  
 E do Tirrheno mar, d'A'dria nas ondas  
 Vê náos altas rasgando o dorso a Thetis.  
 Depois que ávida vista em scéνας tantas  
 Hum pouco apascentou, turbado, absorto,  
 Dentro em si mesmo se concentra, e fica  
 Vastas idéas revolvendo, quantas  
 Da Natureza, e da Fortuna os quadros

A seus olhos atónitos mostrarão :  
 Assim eu vejo em quantidade immensa  
 Surgir das aguas, levantar-se aos ares,  
 Pelos raios Febeos como attrahidas,  
 As humidas porções já rarefeitas;  
 Mais ligeiras que o ar, no ar fluctuão;  
 Nellas a vida tem, nellas se fórmão  
 A nuvem densa, as nevoas importunas,  
 Que, com diversa reflexão de Apóllo,  
 Que em seu seio refrange o accezo taio,  
 Variante espectaculo me amostrão.

Dos rarefeitos ares eu descubro,  
 Que os ventos nascem, (portentoso arcano,  
 Por tantos, tantos seculos occulto!)  
 Os inconstantes milagrosos sopros,  
 (Da bemfazeja Providencia hum grito!)  
 Pelo inquieto campo do Oceano  
 Levão de hum Polo a outro ousados pinhos.  
 Equilibrado o fluido dos ares,  
 Não os oiço bramir!... Mas quem perturba  
 A dilatada calma, a paz tranquillã?  
 Quem rouba ao ar pacifico equilibrio?  
 Talvez, talvez, que, exhalações rompendo  
 Do terreo globo, e tenebrosas furnas,  
 Ou sobre o eixo a rotação diurna  
 Da Terra seja do prodigio a fonte!

Eis com elles se agitão, se misturão,  
 As espalhadas fluctuantes nuvens;  
 Do agudo frio comprimidas, tornão  
 A seu terreno, e primitivo berço.  
 Em chuva salutar desfeitas descem;



Ou, se o frio he maior, candidos vélos  
 Do brando vento conduzidos cobrem  
 No triste Inverno o campo amortecido ;  
 Ou nas miudas condensadas gotas,  
 Peelas douradas messes espargidas,  
 Ao desvelado Lavrador só trazem,  
 Depois de longo afan, tristeza, ou pranto.

Vejo o accezo relampago medonho,  
 Oico o horrendo trovão. vejo o espantoso  
 Trilho abrazado do sulfureo raio,  
 Nada a meus olhos se me esconde, nada!  
 E já de enxofre, de bitume, e nitro  
 De ácido sal, de alcálicos diversos  
 Grosso vapor subindo eu vejo aos ares.  
 Foi do Sol attrahido, o vento o leva ;  
 Com violento impulso então fermenta,  
 Prestes se accende, subito nos manda  
 Essa palida luz sempre seguida  
 D'alto fragor, que faz tremer nos eixos  
 Timido o Mundo, e precursora he sempre  
 Da chamma rapidissima, que desce  
 Com pavoroso estrepito, e que abate  
 Quanto voando na carreira encontra.

De aspecto muda do vapor a massa,  
 Nem sempre he raio estrepitoso ; eu vejo  
 As agudas Pyramides, as Traves,  
 A Setia aguda, o flamejante Drágo  
 E as que se mostráo lúcidas Estrellas,  
 Que accezos trilhos n' horizonte deixáo ;  
 E esse, usado a brilhar no algente Pólo,  
 Sem calor vivo, sem substancia hum fogo,

Huns restos são maravilhosos, bellos  
 Dessas de luz undulações pasmosas,  
 Que detidas do ar no immenso seio  
 Fôrmão brilhantes Boreaes auroras;  
 Ao lúcido horizonte em parallela  
 Linha se mostrão, se mais baixas correm  
 Ou, n'hum centro commum, s'unem subindo  
 Até que extinctas as porções sulfureas  
 Pouco a pouco do ar desapparecem,  
 Deixando apenas ao gelado Norte  
 Hum suave crepusculo brilhante.

Se volvo a vista n'outra parte, absorto  
 De multi-forme côr descubro a nuncia  
 Da sempiterna paz, Iris formosa,  
 Que a doce reflexão dos aureos raios,  
 Unida á refracção sobre miudas  
 Da fria chuva transparentes gotas,  
 A septi-forme côr prontos lhe imprimem.

Quantos, quantos fenomenos pasmosos  
 A luz reflexa nos produz nos ares!  
 Em tanto objecto o pensamento fixo,  
 Em tanto objecto extaticos meus olhos  
 Grandes idéas me despertão n'alma!  
 Eu, de augusto silencio em sombras fico!  
 E só do centro de meu peito exhalo,  
 Não os ais da afflicção, do assombro o grito.  
 Eu sinto, eu sinto hum Deos; não foi do Acaso  
 A milagrosa producção do Mundo!  
 Obra só foi do Artífice supremo:  
 Hum rio origem tem, o effeito causa.  
 Tantas estrellas lucidas dispersas

Nesta estendida cúpula azulada,  
 Esta Lua, este Sol, o dia, a sombra,  
 (Constante alternativa;) a luz, e os ares  
 São cifras com qu' escreve a mão suprema  
 De hum Ente Summo, Sapiente, Immenso.  
 Na flor, na planta, nõ mimoso fructo,  
 Nos rostos varios, e animaes diversos,  
 Nos sons, nas côres, na minha alma o vejo,  
 Almo thesouro da Clemencia eterna.  
 Ella enriquece a Terra, e a vejo em tantas  
 Tão varias producções na especie eternas:  
 D'alta grandeza sua eu sinto a prova  
 No fundo abysmo dos extensos mares,  
 Nos Ceos immensos, na pezada Terra.  
 Seu Divino saber, tremendo adoro  
 N'alma belleza dos mortaes objectos,  
 Nas leis eternas dos celestes corpos  
 Os caracteres luminosos vejo  
 D'hum Concelho immortal que rege o Todo,  
 Na exacta proporção dos fins, dos meios,  
 Que do visivel Mundo o quadro ostenta;  
 Tudo, tudo me diz qu' hum Deos preside  
 Monarcha immenso de infinito Imperio.  
 A' luz ordena que me aclare, e manda  
 Ao ar que me sustente, e a vida aspiro.  
 Elle o calor produz, que o vital germe,  
 Em successivas gerações conserva:  
 Elle o dia formou, nelle ao trabalho  
 O mesmo Rei da criação destina:  
 Elle a noite produz, com ella em sombras  
 Da fria Terra a machina sepulta,

Fm que o corpo mortal restaure a força,  
 Com que ao surgir da matutina Aurora,  
 Torne ás fadigas, aos cuidados volva.  
 Porque discorro, existo, e eu sinto dentro  
 De mim que penso sensações diversas.  
 Quando o incorporeo ser d'alma contemplo  
 Vejo huma imagem do Motor supremo,  
 Que quiz que eu fosse a similhança sua:  
 E não direi, que me sustenta, e rege  
 Hum Ser universal, hum Nume Eterno?  
 Ah! da materia o movimento o mostra!  
 Ella inerte de si, da inercia sua  
 Não podéra sahir sem braço Eterno,  
 De cujo impulso o movimento nasce.

Em taes idéas concentrado estava  
 Sem olhos desprezar do quadro augusto;  
 Que sempre he novo, e bello, e sempre antigo;  
 Livro do estudo meu, delicias minhas;  
 Eis-que descubro no mais alto cume  
 Do fulgurante Olympo erguido hum Templo,  
 Cuja sublime estranha architettura  
 Nem alma a concebeo, nem olhos virão:  
 De lúcido crystal, alto-esplendente  
 Se levantava altissima fachada;  
 Arcos, columnas, architraves, tudo  
 De pedraria oriental se fórma,  
 Onde huma luz celestial batendo  
 Derramava reverberos brilhantes:  
 A magestosa cúpula fulgura,  
 Qual de Narsinga o diamante fulge.  
 Quem dá força a meu estro, e quem sustenta

Meus temerarios sobrehumanos vôos?  
 Como á Verdade franquear eu devo  
 Té agora as bronzeas ferrolhadas portas  
 De crença, a cuja luz não seja avára  
 A turba indocil do inconstante vulgo?  
 Longe, longe, ó profanos! Se tu reges,  
 Se tu mesma, ó Verdade, o canto animas.  
 Se me encordôas Cithara toante,  
 Para o Templo celeste apresso o passo,  
 E não receio de mordazes linguas  
 O golpe fundo, o livido veneno.

No peristilio magestoso, e vasto,  
 ( Eu não distingo se he mulher, se he Deosa )  
 Então descubro, que volvendo os olhos,  
 Em mim pronta os fixou como se ha muito  
 Naquella Estancia me aguardasse; estende  
 Formosos braços, e me aperta ao seio.  
 Soltando a voz angelica me exclama:  
 Escrito estava no volume arcano  
 Do immobil Fado, que no Templo entrasses,  
 Que a Sapiencia levantou no Olympo.  
 Tu, separado dos mortaes enganos  
 Da vaidade, que domina o Mundo,  
 E dando ás Musas o fervente engenho,  
 Que á grata sombra dos sagrados louros  
 As horas ganhas da voluvel vida,  
 E o grão thesouro de profundo estudo  
 Buscas constante, e com trabalho juntas,  
 Soffrendo o longo afan té quando a sombra  
 No vasto seio envolve o inerte globo:  
 Hoje das mãos da Sapiencia o premio,

Tu deves receber, teu genio enchendo  
 Não de verso suave, ou brandas rimas,  
 Com que do mar o vencedor tu cantas,  
 Que as portas abre do vedado Oriente,  
 Qu' a Patria d' honra encheo; de gloria o Mundo;  
 Mas d' excelsa verdade ao vulgo ignóta.

De seus olhos a Deosa amor respira;  
 Mas tal amor, que penetrava o peito  
 Sem perturbar do entendimento o lume,  
 Qual ser costuma entre os mortaes, se he grande!  
 Eu tinha fitos no seu rosto os olhos,  
 Com celeste prazer toda a minha alma  
 Em doces chammas ondear sentia;  
 A Deosa o conheceo, que mudo, e quasi  
 Abstracto estava, e do sentido alheio.  
 Solta hum surrizo dos purpureos labios  
 E assim começa a me fallar benigna.

„ Tens cheio o coração de ignoto fogo,  
 A quem mortaes no Mundo amor chamarão,  
 E a quem puro prazer nos Ceos se chama.  
 Este puro prazer do gozo alheio  
 Tóma força, e principio, e tudo a todos  
 Se apraz de ser, e se derrama inteiro.  
 Do privado interesse ignora a meta,  
 E, nem se muda, nem se altera, como  
 Tantas vezes no Mundo amor se muda.  
 O proprio amor aos corações innáto,  
 Que a todas as paixões qu' o peito agitação  
 Se amolda sempre, e se transforma nelas.  
 He transvestido amor vossa esperança;  
 Amor he pertinacia, Amor he magoa;

Amor são todos os prazeres vossos ;  
 De Amor o movimento, os accidentes,  
 Considerados, são paixões diversas.  
 Na origem, quando nasce, Amor se chama ;  
 Quando do peito sahe, quando se expande,  
 E busca unir-se ao suspirado objecto,  
 Chama-se então desejo ; e vigoroso,  
 Já seguro de si, firme em si mesmo,  
 Se as azas solta, e se remonta, e sobe,  
 O nome tem de vívida esperança.

He constancia, se, obstáculos vencendo,  
 Na mesma opposição mais força adquire.  
 Quando aos duros rivaes declara guerra,  
 He sempre Amor ; mas chama-se ardimento,  
 Mil vezes a si mesmo elle se esconde ;  
 Mas neste raro sacrificio he sempre  
 No altar do coração victima, e fogo,  
 E Sacerdote Amor, que em si transforma  
 Quantas no Mundo vê paixões diversas.

Mas tempo he já que teu desejo abaste,  
 E te descubra o portentoso Templo,  
 Onde benigno te conduz teu Fado.

Esta, que vêz alçar-se, augusta móle  
 Encerra dentro em si Filosofia :

Altars alli tem, do monte excelso

Genio a tem feito tutelar os Numes :

Sacerdotes são seus, são seus Ministros

Esses engenhos transcendentos, vastos,

Que tão raro entre vós asylo encontrão,

Sustento, protecção, respeito, escudo.

A Fadiga sou eu ; nome tremendo.

A quem d'hum ocio torpe os braços busca,  
 E na mole indolencia a vida exhaure:  
 Mas he doce o meu nome a quem Virtude,  
 A quem Mérito apraz. Segue-me, ó filho,  
 Entra comigo os pórticos do Templo. „

Que gélido suor me banha a frente!

De vêa em vêa penetrante frio  
 O curso ao sangue fervido entorpéce!

Tremi confuso, e vacillante o passo  
 Entre contrarios pensamentos movo.

Vi que de Icaro o vôo, a acerba queda  
 Desse soberbo, e deslumbrado moço,

Que mal regea ignípedes Ethontes,  
 Eu hia a renovar. Meu alto assombro  
 Descobre a Deosa, e se doeu de ver-me;

A mão benigna me estendeo, susteve  
 No meio já do pavimento augusto.

Dentro era d'ouro o consagrado Alcaçar,

De azul celeste a cupula esmaltada,

Onde brilhantes lucidas estrellas,

Quaes Safiras finissimas, se engastão;

Oriental Pyrópo o chão lhe forma;

E nas paredes (mão divina!) expressas

Admira a vista insólitas pinturas,

Quaes nunca Rafael, quaes nunca ousara

Traçar pincel de Rubens portentoso.

Aqui se vião nos incultos bosques

Ir errando os mortaes sem lei, sem freio,

E quasi extinto o luminoso facho

Da celeste Razão, preza entre sombras.

Alli se admirão simplicis viventes



Rudes choupanas levantar primeiro  
 De annosos troncos, e de seccas folhas,  
 Onde, quaes féras nos covis, s' escondem  
 Das injurias do ar, do vento aos sopros.  
 Neste estado infeliz de hum Mundo inculto  
 Se dá principio á sociedade humana:  
 A primeira familia alli se ajunta  
 A rotear começa o campo agreste.  
 Nella o pai foi Monarcha, até foi Nume,  
 Da sapiencia, e da razão guiado,  
 Alli juntava Sacerdocio, e Reino:  
 Os Ceos interpetrando as leis promulga,  
 Que o bem commum da sociedade buscão.  
 Não era a Sapiencia obscura, e arcana,  
 Destes primeiros pais, mas doce, e clara  
 Abria o Templo da vulgar Virtude.  
 Deste humilde principio, e tão pequeno,  
 Surgio de Roma o desmedido Imperio;  
 D' huma cabana s' estendeo no Mundo.  
 Alli Romulo, e Numa as leis dictavão,  
 Ao novo asylo universal chamando  
 Do antigo Lacio indigenas incultos.  
 Além se via progressivamente  
 Multiplicar-se sempre a especie humana;  
 Mas passou mui depressa a idade do ouro!  
 A ferrea começou, e além se via  
 Ir o robusto agricultor rasgando  
 Com ferreo arado o seio á terra inculta;  
 Sobre ella s' entornou suor primeiro.  
 D' estranho tronco ás arvores s' enxértão:  
 Corta-lhe a foice os ressequidos ramos.

Se falta a Natureza, a industria suppre ;  
 Pois quanto as plantas por seu proprio instincto  
 Ajudadas do Sol, ferteis co' a chuva  
 Nos espontaneos fructos produzião,  
 A' humana precisão já não bastava.  
 Então das cultas, pampinosas vides,  
 Se tirarão primeiro os dons de Brómio :  
 Então luxo ensinou tingir por fausto  
 Co' a preciosa purpura de Tyro  
 Do verme industrioso a tenue baba.  
 Se a relva dava então tranquilllos sônos,  
 A' sombra qu' espalhava o Freixo aunoso,  
 E se estancava a sede á lynfa pura  
 Do serpeante limpido regato ;  
 Vélos se arrancão do innocente armento,  
 Que ao cançado mortal repousos prestão ;  
 E o liquor salutifero se apúra,  
 Que restaura o vigor no inerte corpo.  
 Por buscar novos, escondidos Mundos,  
 Da nativa montanha então se yrião  
 Cortados abater-se o Chôpo, a Faia :  
 Já vem nas ondas contrastar co' os ventos.  
 Para ajuntar as peregrinas merces,  
 Lá vai duro mortal soltando as vélas,  
 No elementó não seu, do vento ás iras ;  
 Mortal té agora ingenuo, e qu' outras praias  
 Não tinha visto mais, qu' as do tranquillo  
 Regato que lhe corta os patrios campos.  
 A guerra assoladora, a guerra infausta  
 Era ignota até alli, e em tristes côres  
 Alli se via a fervida peleja.

Na bigorna se bate a horrenda espada ;  
 Em dura lança além s' alonga o ferro  
 Mais avante s' erguia o forte muro ;  
 As torres hião topetar co' as nuvens.  
 Gozava a antiga gente ocio tranquillo :  
 Ah ! que Furia infernal , que monstro horrendo  
 Trouxe do escuro Inferno o facho accezo ?  
 Que nuvem se elevou sangüé estilando ?  
 A raiva , o odio , a inveja o braço alçarão .  
 Primeiro a Ingratidão nas mãos levanta ,  
 O ferro atroz , sanguinolenta espada ;  
 E peito a peito , d' ambição levado ,  
 Se combate o mortal ; chamou-se gloria  
 Esse furor brutal , que avilta as feras ,  
 Que poupão por instincto a propria especie :  
 Tudo foi sombra , e confusão no Mundo .  
 A raiva universal , honra se chama ;  
 Tanto do humano coração se apossa  
 Que julga estado primitivo a guerra !  
 Augmentão-se as nações , o estrago cresce :  
 Sempre o furor de dominar triunfa .  
 O que era o pai , o Sacerdote , o Nume  
 Da primeira familia , he já Tyranno !  
 De fero aspecto debuxado estava  
 Sanguinario Nembrot qu' ergue seu throno  
 Sobre o pescoço das nações em ferros .  
 A Terra se povôa , o facho accezo  
 Não s' extingue jámais nas mãos das Furias .  
 Se hum throno se levanta , outro se abate .  
 Nos mais remotos angulos do Mundo ,  
 Onde existem nações , a guerra existe .

Mas entre tantas retratadas gentes,  
 Que o ferro tem nas mãos, no aspecto as iras,  
 Eu vejo estar em solitario alvergue  
 Pensativos mortaes, longe, e mui longe,  
 Em doce paz, do estrepito, e tumulto.  
 Ao ar, ao portamento, á vista, ao móto,  
 Subito conheci, que os sabios erão,  
 Que as sempiternas leis da Natureza  
 Em pró dos outros conhecer tentárão.  
 Com pertinaz estudo, e prompto engenho,  
 No grande livro do Universo estudáo,  
 E com pasmosa distincção contempláo  
 Táo formoso espectaculo, tão vario.  
 C' os labios semi-abertos, os immoveis  
 Olhos pregados tem no ethereo assento,  
 Como que vão buscando o immenso, e certo  
 Eterno gyro dos rotantes astros.  
 He esta a occupação, este o deleite  
 Do cubiçoso pensamento altivo,  
 De assombro os enche maravilha tanta;  
 Curiosidade da ignorancia he filha,  
 Táo propria, e tanto da mortal essencia;  
 Sómente ella produz sabedoria,  
 Quando o veloz enthuziasmo atêa,  
 E quando observa desusado effeito  
 Da Natureza, ou Ceo, corre anhleante,  
 Corre prompta, interroga, observa, indaga,  
 E tenta descobrir quanto se off'rece  
 A seu ouvido extatico, a seus olhos:  
 Vai dos effeitos penetrando ás causas.  
 Tal presupposto foi de antigos Sabios,

Das cousas todas indagar as fontes.  
 Da sciencia o amor, o amor do estudo,  
 Entre os Sabios se diz Filosofia.  
 Curiosidade, e ocio, á Deosa derão  
 (A quem he consagrado o Templo) a essencia.  
 A's inda feras indomadas gentes,  
 Mal acolhidas na choupana humilde,  
 Communicou seus raios luminosos.  
 Fez-lhes vêr de si mesma a imagem pura,  
 Apenas observou que accezos olhos  
 Na abóboda dos Ceos apascentavão,  
 Do sempiterno braço contemplando  
 Essas sem fim maravilhosas obras.

Depois que em tanto quadro a vista absorvia  
 Acabei de deter, novos objectos,  
 Minha alma toda subito me levão.  
 Eis esculpidas novas maravilhas,  
 Nos aureos muros assombrado vejo.  
 Sobre hum turquino fundo auri-luzente  
 Fixas sempre n'hum ponto estrellas brilhão,  
 A cujos lumes, trémulos, suspensos  
 Pelos bosques Caldeos vejo os pastores,  
 Imprimindo signaes na mole arêa,  
 Da sabia Geometria as leis primeiras.  
 (Dura, afanosa sapiencia, quanto  
 Tu sabes levantar o engenho humano!)  
 Co' a frente envolta em sombra além correndo  
 Eu vejo o vasto fluctuante Nilo  
 Do pingue Egypto os campos retalhando,  
 Vejo-lhe em torno industriosa gente  
 Medindo-lhe a compasso as turvas ondas,

Esperando que o Ceo constante , e meigo  
 O retorno annual decrete ás aguas ;  
 E , em quanto o interesse , em quanto o Genio  
 Dividem entre si fadiga , estudo ,  
 Recebe nova luz Geometria.

Qual costuma romper d'alpestre rócha  
 Limpida fonte , e serpeando o campo  
 Por entre as pedras vai com doce , e grato  
 Continuo estrondo alimentando as flores ;  
 C' huma fonte depois , depois com outra  
 Sempre augmentando a crystalina vêa ,  
 Que cresce , e passa a lucido regáto ,  
 E , recebendo d' outros mil tributo ,  
 O fundo leito alarga , e já bramoso  
 Aqui começa a se fazer torrente ,  
 Espuma , e freme , e se arrebatada , e foge ,  
 De tanto , e tanto feudo enriquecido ,  
 E soberbo de si no fundo Oceano  
 Lá chega , lá confunde o nome , as aguas :  
 Tal do seio da immensa Natureza ,  
 Escuro seio , pouco a pouco trouxe  
 O humano entendimento a luz brilhante  
 E dest' arte raiou Filosofia ,  
 Que foi por longos seculos juntando  
 D' alma sciencia o perennal thesouro ,  
 Suave fructo da innocencia antiga ,  
 Ah ! tão buscada em vão na idade nossa !  
 Em que fogo maior , mais viva chamma ,  
 Que essa que a boca do Vesuvio exhala ,  
 No seio do mortal fomenta o crime.  
 Esse inquieto , e vil ferreo desejo

De possuir incommodas riquezas ,  
 Que partilha não são , por máo destino ,  
 De que apascenta o coração tranquillo  
 Na posse ingenua das sciencias todas :  
 Com pertinaz estudo se augmentarão ;  
 E do existente Mundo as leis , e as bazes  
 Forão continuo emprego á mente humana :  
 Mas nada lhe abastou desejo accezo ,  
 Que tão vivo cresceo , qual cresce o vasto  
 De pequena faisca immenso incendio.  
 Quando fixo encarou bellezas tantas  
 Lançou-se aos Ceos com generosos vôos ,  
 E dos astros o influxo , e o vario aspecto  
 Ouzou descortinar , no eterno curso ,  
 Pelos ermos do espaço os foi seguindo.  
 E soberbo de si , não satisfeito  
 A seu profundo , e vasto pensamento ,  
 Co' a tócha acceza da Razão diante ,  
 Abre , piza , franqueia ignóta estrada ,  
 Que mais , e mais se aplaina , e mais s' estende  
 C' o porfiado estudo , e os homens leva  
 Ao Templo augusto da immortal Verdade ,  
 Que escondido não he qual foi primeiro.  
 Ella pôde encantar Genios sublimes  
 Cujas imagens em perennes bronzes  
 Em si conserva o magestoso Alcaçar :  
 Oh ! mui feliz Entendimento humano :  
 Se em taes indagações , se em taes estudos  
 Aprende a conhecer , e amar o Eterno  
 Só de bens larga fonte , immenso Oceano !

*Fim do I. Canto.*

## NEWTON,

## P O E M A.

## CANTO II.

**D**A Sapiencia antigos amadores,  
Os Sacerdotes do celeste Nume,  
Ao sacrosanto Templo alto ornamento,  
Com seus bustos em porfido formavão  
Do magestoso altar decóro illustre;  
Puro, innocente altar, onde a profana  
Mão despiedada dos mortaes infrenes  
Nunca pozera victimas de sangue,  
De que tanto se apraz da guerra o Nume,  
Que o cego Fanatismo, ah! tão frequente!  
Nas torpes aras da Ambição degolla.  
São incensos aqui puros affectos,  
E o remontado pensamento os votos;  
São offerendas extases sublimes,  
Vôos da mente, que s' eleva aos astros,  
E corre o immenso espaço. Aquella Deosa,  
Que o berço tem nos Ceos, qu' he dom dos Numes,  
Que he mái das Artes, e inventora dellas,  
De magestade, e de belleza cheia,



Taes holocaustos no seu seio acolhe.

Vi, (qu' assombro!) de luz cercado o vulto  
Do primeiro mortal, puro, innocente,  
Qual já das mãos do Creador dos Mundos  
Sahio primeiro, e dominou na Terra.  
Do Divino saber nasce ensinado,  
Das cousas conhecia a essencia propria,  
Impoz o proprio nome aos seres todos.  
E junto d'elle fulgurando estavam  
Em menos viva luz seus tardos netos,  
Que d'elle, como herança, alta doutrina  
N'humã idade de seculos colherão:  
De labio em labio aos pósteros a mandão  
Té qu' horroroso, universal Diluvio  
Fez que de todo agonizasse o Mundo.

Via logo a Noé, que intacto surge  
Do lenho guardador da especie humana:  
Aos filhos seus dos fulgurantes astros  
O aspecto, o moto, as posições ensina.  
Sublime Sapiencia, e douto estudo,  
Que tão illustres fez, depois da obscura  
Confusão de Babel, nações diversas,  
O innocente Caldeo, o Arabe experto,  
Do Nilo o morador mysterios todo,  
E o Persa audaz idólatra do fogo.

Descubro a Prometheo, e o velho Atlante  
Em que a verdade a Fabula reveste  
Da Poesia co' as brilhantes côres.  
Hum, com fogo dos Ceos, anima o barro;  
Outro o pezo sustem do excelso Olympo.  
Vejo o profundo Trimegisto, e vejo

O sublime Cantor harmonioso ,  
 Que de Troia a catastrophe nos pinta ,  
 Que , em brando verso , imagens lizongei ras ,  
 Da Sapiencia os pennetraes nos abre ;  
 A idéa em si contém das artes todas.

Pelas margens do Indo , e turvo Ganges  
 Meditadores Brâmenes diviso ,  
 Que em sombra muito espessa a luz envolvem ,  
 E a verdade entre symbolos nos dizem.  
 A Confucio Chinez descubro , admiro ,  
 Que a voz escura á sabia Natureza ,  
 E firma o summo bem só na virtude.  
 Tres Zoroastros , que nas sombras plantão  
 Luminoso fanal , que á Persia , e Egypto  
 Das Artes para o Templo a estrada aplaina.  
 Logo dois immortaes cantores vejo ,  
 He Lino , e o doce Orfeo , que a Lyra d' ouro  
 Com tanta fez soar maga harmonia ,  
 Que doceis se tornou troncos , e penhas ,  
 Que do cáhos no escuro horrendo centro ,  
 Principio do Universo , Amor plantarão.  
 Pensativo Beroso alli contemplo ,  
 A quem de Athenas a famosa escóla  
 Estatua alevantou d' ouro mais puro.  
 A par d'elle he Chilon , que o dia extremo  
 Sem peña , sem temor contente encára.  
 Do tyrannico sangue alli manchado  
 Pittaco á morte sobranceiro existe.  
 Legislador Solon de brando aspecto ,  
 Que com vasto saber enlaça Astréa ,  
 E ás leis soube juntar Filosofia ;

Dos bons Monarchas o modello he este!  
 Depois Zaleuco vi, depois Carondas,  
 Ambos com justas leis Sicilia exaltão.

No meio bem do taciturno alvergue  
 De Pythagoras sabio o vulto admiro,  
 No rosto, e ar mysterioso em tudo,  
 Que da Unidade, ou centro aos seres todos,  
 A origem fez sahir, principio, e causa.

Cleóbulo descubro, elle a formosa,  
 Sabia filha gentil conserva ao lado,  
 Que da engraçada boca em aureo rio  
 Eloquente entornou Filosofia:

Ah! nunca aos homens se mostrou tão bella!

Admiro, mais além Biante o sabio,  
 Que digna só julgou de humano estudo  
 Moral, que na virtude a alma levanta,  
 Em sua mesma magestade occulta,  
 Deixando a Natureza, enigma escuro,  
 Indecifravel aos mortaes mesquinhos  
 Em quanto em fragil barro a alma se prende.

Periandro alli vejo, e vejo o Scyta  
 Anacharsis, Filosofo profundo,  
 Cujo nome immortal materia, e fama  
 Deo neste ferrão tempo ao douto escrito,  
 Que a Grecia em si contém, co' a Grecia tudo.  
 Vejo a Misson, que symbolo o destingue?

O nobre, e nobre só proficuo arado,  
 Que o seio rasga á terra agradecida:  
 Delle se peja a estólida vaidade;  
 Do Filosofo á vista he mais que hum Cepetro:  
 Na cultura do campo o sabio he grande;

Nem pode o estudo ter mais digno objecto ;  
 E nunca outro mister , nunca outras artes ,  
 Com mais afan buscasse o engenho humano !  
 Celeste Agricultura , oh digno emprego  
 Té do mortal primeiro inda innocente !

Eu distingo Epiménides , que deixa  
 A escondida caverna em que medita ,  
 Aos homens vem mostrar da luz os raios  
 Ferécides , Bericio , e aquelle observo ,  
 Que a Frygia vio nascer sublime , e douto ,  
 Que em lizongeiros fabulas esconde  
 Quantas depois lições do justo , e honesto  
 O Pórtico sublime , a Estóá derão.  
 Thales descubro então , brazão da Jonia ,  
 Que he da primeira escóla excelso mestre ,  
 Que á Grecia deo lições , deo luz , deo tudo .  
 Quanto soube alcançar de Astronomia  
 Do protentoso vidro o olho despido .  
 Elle primeiro do Solsticio o ponto  
 Sobre a Terra observou , e elle primeiro  
 Predisse aos homens pavoroso eclipse ,  
 Que rouba a luz á Terra , e a paz ao peito ,  
 Deste mysterio assustador ignáro .  
 Elle o principio assignalou do Todo ,  
 O humor aquoso que circunda o globo .  
 Vejo Archeláo , Anaximandro admiro ;  
 Este infinita julga a Natureza ;  
 ( O' Portuguez Hebreo , tal foi teu erro ! )  
 Aquelle julga que as primeiras causas  
 Só são da geração calor , e frio .  
 Anaximenes do Orador Romano

Sempre admirado , alli contemplo , admiro ,  
 No móto eterno da substancia eterna  
 A essencia poz de hum A'rbitro supremo ,  
 E deo ao Mundo por principio immenso ,  
 A substancia do ar , vasto , infinito .

O profundo Anaxágoras diviso ,  
 De fundos olhos , de enrugado aspecto  
 Prolixa barba , atenuado corpo ,  
 Que ardente pedra incombustivel julga  
 O luminoso Sol. Vai branco , e curvo ,  
 Calva a rugosa frente , a tez sombria ,  
 O protentoso Sócrates , o justo ,  
 ( Quanto o ser pode a Natureza impura )

Attento sempre ao movimento interno  
 Do humano coração , regeita , e mófa  
 Dos váos systemas fysicos do Mundo ,  
 Que á mente dos mortaes ignotos deixa ,  
 E s' apraz de deixar Motor Superno .  
 Só da austera moral segue as pizadas ,  
 E avezado o mortal ás vans idéas

Da vacillante Fysica o procura  
 A estudo reduzir da essencia propria .  
 Só quando o homem se conhece he sabio !

Vejo Aristippo , Antísthenes descubro ;  
 Hum busca o summo bem no-inerte , e baixo  
 Prazer que encanta os corporaes sentidos :

( O' lisongeiro do soberbo Augusto ,  
 Teu systema tal foi , teus aureos versos  
 Aristippo sómente , e Amor respiráo ! )

Porém , mais sabio Antísthenes encontra  
 Só d'alma-no prazer , ventura extrema ;

Este o primeiro da assisada turba  
 Do Cynico mordaz. Crates contemplo,  
 Que julga inutil pezo a vá riqueza,  
 E no abysmo do mar com ella esconde  
 O inquieto temor, voraz cuidado.  
 Alli Monimo admiro, e Zeno, e Hiparco,  
 Vejo a vagante habitação do Sabio  
 Diógenes pasmoso, e alli defronte  
 Em pé contemplo o assolador do Mundo;  
 Da esquerda parte inclina hum pouco a frente,  
 E a fluctuante clámyde lhe arrastra;  
 Pende-lhe ao lado o ferro, e d'elle em torno  
 Calisthenes contemplo, e mudo, e quedo  
 O grande Efestião. Elle alça o braço  
 De quem Persia se teme, e teme o Ganges,  
 E ao pobre habitador da cuba off'rece  
 Seus thesouros, seus dons; tranquillo, e grande,  
 Só lhe pede que ao Sol não véde as luzes,  
 Nem lhe tolha o calor que ao frio, inerte  
 Corpo negado tem Frugalidade.  
 Se houve grande Filosofo, he só este!  
 Com taes lições, já Menedemo he grande,  
 Que hum só bem conheceo, e he só virtude.  
 Euclides vejo, e Pontico, avezado  
 A' contumaz contradição de tudo.  
 Vejo Estilpon magnanimo, que a intonsa  
 Cabeça traz, e descoberta sempre:  
 Pobre o vestido tem, e os pés descalços,  
 Com elles piza a vaidade, o fausto,  
 E quanto pede o coração lhe nega.  
 O' grande Preceptor do ingrato Nero,

Se isto não foi teu animo sublime,  
 Ah! são por certo teus escritos, isto!!  
 Diofantes, Apolonio, eu bem destinguo,  
 Tem nas mãos o compasso, e tem na terra  
 Immoveis sempre os encovados olhos;  
 Alli descreve as trabalhosas curvas,  
 E além disto não mais surge esta idade;  
 Não foi mais Galileo, nem mais Des-Cartes!  
 De Estoico rigor seguindo a trilha  
 Eu vejo envolto em seus possiveis Zeno.  
 De veneravel rosto accezos olhos  
 Eu descobro a Platão, Platão que o Nume  
 Nos objectos que vê, contempla, adora;  
 Que a novo Amor dá luz, e alegre espera  
 Que a seu astro natal sua alma torne.  
 O' sublime doutrina, ah tu podeste,  
 Dentro da Escóla de Florença outr'ora,  
 O eloquente escutar Policiano;  
 Se as letras tem na Europa apreço, estima,  
 Se em seu amor se me embranquece a frente,  
 A tão sabio mortal, tão grande o devo!  
 Este o tributo, que meus versos pagão:  
 Que mais te posso dar? Teu nome he tudo.  
 Vejo Espeuzipo imitador-da grande  
 Virtude illustre de Platão sublime:  
 Teve commum com elle, o estudo, o sangue;  
 E a baze eterna lança á Academia,  
 A quem deo nome o milagroso Tullio.  
 Da belleza inimigo, e da ternura  
 Xenocrates descobro austero, e triste;  
 Vergonhoso baldão da especie humana,

Que , nem ao mago scintilar d' huns olhós  
 Nem ao sorrizo de purpureós labios  
 E ás aureas ondas de madeixas d' ouro ,  
 Senté no peito a Natureza toda ,  
 Q' até do fundo abysmo aos monstros feios ,  
 E sanguinario Tigre , amar ensina.  
 O pertinaz Arcesiláo na escola  
 O segue , duvidando , a alma suspensa  
 Entre a diversa opiniáo conserva.  
 A imagem de Carnéades descubro ,  
 Da nova Academia he timbre , he gloria  
 Cuja alma excélsa da verdade indaga ,  
 Entre o provavel sempre , a estrada incerta.  
 Pythéas vejo que do antigo Sabio ,  
 A quem Samo talvez já déra o berço ,  
 Vai seguindo as pizadas , e se julga  
 Continuo habitador de corpos varios.  
 Este aos ceos porporção , este a medida  
 Priméiro assignalou ; dos aureos astros  
 Para hum centro commum conhece o méto  
 Naquelle antigo symbolo mostrado  
 Da septicórde auri-sonante Lyra ,  
 Que Febo tem nas mãos , q' o Vate inveja ;  
 E se lhe antolha , que escutava ao perto  
 Sempiterna , multiplice harmonia ,  
 Da Esfera portentosa alto-brilhante ;  
 Talvez nelle encontrasse o germe , a fonte  
 De seu systema de attracção , sublime  
 Infatigado explorador Britano . . . .  
 Meditador Empédocles já vejo ;  
 Que julga ( ó fraco dos mortaes discurso ! )



Suor do terreo globo o vasto Oceano ;  
 Se este, se este não foi , Buffon facundo ,  
 Esse teu vapor humido , que a Terra ,  
 Destacada do Sol , e ardendo em fogo  
 Ao mais subido d' atmostera exhala ,  
 E cahindo de lá se fórma em mares !

Do Italico saber brazões sublimes  
 Tidas , e Architas fulgurando admiro ;  
 Ambos julgavão cada estrella hum Mundo.  
 Suspenso pelo ar alto infinito ,  
 Onde hum astro central preside a muitos  
 Rotantes globos , q' em si mesmo opácos  
 Reverberante luz d'elle recebem :  
 E no globo gentil da argentea Lua  
 Mares , selvas , montanhas supozeração ,  
 E de ser pensador fecundo alvergue.  
 Este nas margens do revolto Sena ,  
 Que hoje escravos só vís , só ferros banha ,  
 Teu pensamento foi , sublime engenho ;  
 Quando d' hum Mundo n' outro Mundo ignóto  
 Levaste a passear matrona ímbelle ,  
 Do prazer filosofico em ligeiras  
 Azas de accezo enthuziasmo ouzado.  
 Tal foi a idéa de profundos sabios ,  
 Que tão soberba opinião vestirão  
 Das côres da razão , qual tu fizeste  
 Nessa pasmosa extatica viagem  
 Com q' , ó profundo Képler , te lançaste  
 Por entre os astros aos confins do Todo.  
 Na escura tez Prothagoras conheço ,  
 Que entre isophismas envelhece , e nega ,

Oh ! sacrilega audacia ! hum Deos ao Mundo.  
 Nem vê na grande architettata mole  
 De hum Ser eterno a mão reguladora !

Cheio de assombro , e maravilha fito  
 Na imagem de Demócrito meus olhos ;  
 Abdera o vio nascer , e a mente excelsa  
 Na grande esfera da sciencia entranha.  
 Vejo a par delle Heraclito , que chora  
 Ao triste aspecto da miseria humana ,  
 Em quantô aquelle no incessante rizo  
 Com soberba indidcreta o Mundo insulta :  
 Ambos no excesso opposto hum erro abrange.

Vejo a Pirron que pertinaz duvêda  
 Do que tem da verdade o cunho impresso ;  
 Muda sempre de côr , muda de aspecto ,  
 He duvidoso , e vacillante sempre ;  
 Filosofico orgulho , e quanto , e quanto  
 Se fecundou teu germe em peito humano !  
 Teu scepticismo do erudito Baile  
 Os escritos manchou , q' espalhão sombras  
 N'hum ponto unindo o verdadeiro , o falso !

Entre guerreiras machinas envolto ,  
 Entre abrazadas náes vejo Archimedes :  
 Cheio de palmas , de laureis lhe chora  
 De Siracuza o vencedor , a morte ;  
 Foi esta a vez primeira , ó grão Marcello ,  
 Que sobre a Terra fez Heroes o pranto !  
 Illustre pranto , que aligeira ao Mundo  
 O ferreo jugo do Latino Imperio !

Eis descubro Epicuro , o vulgo insano  
 Nelle descobre hum ímpio , eu vejo hum sabio

Frugal , modesto , taciturno , humilde ,  
 Que d' alma no prazer , puro , e sincero  
 Suprema quiz constituir ventura.  
 Entre viçosas arvores se assenta  
 De hum ameno jardim ; medita , ou finge  
 Os infinitos átomos no vácuo ,  
 D' hum laço casual produz os Mundos.  
 D' alma foi erro , e da vontade engano  
 Não passa ao coração ; tranquillo , e puro  
 Ama a virtude. O' Seneca , foi este  
 Teu pensamento quando instrues Lucilio.  
 Mas erraste ; he chimerica a virtude  
 Em quem della não vê n'hum Deos a fonte :  
 Quem no acaso conhece o author do Mundo ,  
 Se não erra , e blasfema , então delira !

Eis d' Estagira o Genio , eis o prodigio  
 Talvez , talvez maior-q' a Grecia vira.  
 Do Mundo he mestre , a Natureza he sua ,  
 Não se confunde o Peripáto , e elle :  
 Elle foi luz , o Peripáto he sombra.  
 Não he seu mór brazão ter visto o Mundo  
 Do Mundo o vencedor posto a seu lado ,  
 Pois de Alexandre , que conquista a Terra  
 Só devia Aristoteles ser mestre.  
 He seu tymbre maior ter da sciencia  
 Quasi o infinito circulo corrido.  
 Inda em seus livros-q' a ignorancia altera  
 ( Ignorancia dos Arabes soberba )  
 Saber encyclopédico descubro.  
 Se hoje tudo he Buffon , se Plinio he muito  
 Senão fora Aristoteles , não forão.

Bem como hum Nume ao Mundo as bazes lança  
 Quando no instante productivo o manda  
 Sahir do centro do confuso cahos ;  
 Assim das artes , das sciencias todas ,  
 Quasi no cahos da ignorancia envoltas ,  
 Lança o grande Aristoteles as bazes.  
 Quando deixou de perseguir o Mundo  
 A Sapiencia , o merito , a virtude ?  
 Tristes aves da noite a luz odêão :  
 D' Athenas Aristoteles se esconde ,  
 Em voluntaria morte azylo encontra.

Na sublime cadeira então se assenta  
 ( E alli brilhando estava ) o douto , o grave  
 Da Natureza interpetre Theofrasto ;  
 Desgraçado Calísthenes lhe escuta  
 As sublimes lições , e o grande Eudemo ,  
 E a respeitavel multidão dos Sabios ,  
 Affeitos sempre a passear pensando.

Do Tybre a escravidão , do Tybre os ferros  
 Tornão de Athenas , e Corintho o fasto  
 Em pobre aldêa , ou lastimosas cinzas :  
 Eis se transplanta a Sapiencia a Roma ;  
 E , se da Gloria o Templo as armas abrem  
 A seus grandes Heroes , tambem seus Sabios  
 No eterno Templo da sciencia eu vejo.  
 Entre todos mais luz , talvez mais clara ,  
 Que a que se espalha dos Argivos bustos ,  
 O protentoso Cicero derrama !  
 Nenhum Sabio formou do Eterno Nume ,  
 Entre as sombras Pagans , mais alta idéa !  
 Elle incorporeo , immenso o considera

De eterna Providencia, Amor eterno  
 Existente por si, e author do Todo.  
 Por certo entre os mortaes nenhum té agora.  
 Tão profundo saber juntou co' a rica  
 D' aurea eloquencia exuberante vêa!  
 Do Epicurêo Lucrecio então descubro  
 O pensativo, e descarnado aspeito:  
 O centro tira do Universo, e Mundos  
 Infinitos julgou no immenso espaço.  
 Alli vejo Epitéto humilde escravo,  
 Mas entre os sabios soberano, e livre;  
 Cuja fragil alampada hum thesouro  
 Entre as joias valeo da antiga Roma.  
 Vejo o vulto de Seneca, seus olhos,  
 De huma luz ardentissima, levanta  
 Meditabundo ao luminoso assento;  
 Piza as salas fataes d' ébano, e d' ouro,  
 Onde o sangue materno hum Nero entorna,  
 Onde jaz de Germanico o cadaver  
 Seneca o monstro louva, e s' entristece:  
 Dependencia d' hum throno a quanto obrigas!  
 Pequeno em obras he, grande em sciencia  
 Elle a vida antepoz ao justo, ao pejo  
 Por ella perde de viver as causas:  
 Mas em seu gremio o tem Filosofia,  
 Só porque disse q' ás accções internas  
 He presente hum juiz, presente hum Nume.  
 Roma nelle acabou. Na foz do Nilo  
 Imperial Alexandria surge;  
 Ella produz o Eclético Potámon,  
 No Templo vejo fulgurar seu rosto.

Da bella Hipacia a formozura brilha ;  
 Eloquencia, e saber da boca entorna  
 Entre suaves halitos de rozas ,  
 Que transportado Origenes lhe escuta.  
 Em sua escola Prócuro se exalta,  
 Amónio, Celso, Jamblico, e Porfirio,  
 Que mal sabido Platonismo illude.  
 Vejo n'hum throno, sobranceiro a muitos,  
 O magestoso vulto auri-esplendente  
 Do novo Tullio, o fluido Lactancio,  
 Talvez maior, que o Consular de Arpino.  
 Não era longe d'elle, em sombra envolto  
 Da prizão melancolica, Boecio ;  
 Vai banhando os grilhões d' amargo pranto  
 Té que raiando vio Filosofia,  
 Que as sombras rompe, as lagrimas lhe enchuga.  
 Profunda escuridão, profundo luto  
 No vasto Imperio das sciencias pouza ;  
 Onde apparecem Vandalos, acabão.  
 Quaes vemos entre nós do Sena os monstros,  
 Que vem das artes derrubando os Templos ;  
 Vem do gelado, tenebroso Arcturo  
 Bando, de morte, e de ignorancia armado,  
 Apenas ficão gárrulas escolas,  
 Que hum só busto não tem no eterno Templo,  
 Té que dos gelos de Sarmacia surge  
 Copérnico immortal, este o primeiro  
 Que alli se manifesta, alli fulgura  
 Entre os astros envolto, entre as esferas :  
 Vio Sol immobil, vio rodar a Terra,  
 E apenas o immortal pasmoso escrito,

Ao respeito dos seculos entrega ,  
 O templo augusto da sciencia todo  
 De protentosos sabios se povôa.  
 Eis se me amostra Galileo, dos astros  
 O novo Cidadão, tem curva a frente,  
 E descarnadas mãos co' as vís cadêas.  
 Cinge-lhe Jove na enrugada testa  
 As q' elle achára incognitas estrellas.  
 D' antiga Resia vejo o alto ornamento,  
 He Bernúlli immortal. Na margem fria  
 Do discordante Baltico diviso  
 O grande author das Mónadas, q' encontra  
 No composto mortal mága harmonia  
 Entre a composta, e simplice substancia.  
 Nascido a meditar, modesto, e mudo,  
 Da nebulosa Hollanda em canto escuso,  
 Do grão Des-Cartes magestoso vulto  
 Entre as sombras, e a luz plantado admiro.  
 Hum globo tinha aos pés nas mãos hum facho  
 Q' ao globo espanca a tréva da ignorancia.  
 Legislador sublime além brilhava,  
 Verulamio infeliz, primeiro as portas  
 Da recatada Natureza abria.  
 O desprezado á cinte, e ignoto a muitos,  
 O frugal Espinosa aqui surgia. (\*)

---

(\*) Deve entender-se o termo -- frugal -- no sentido proprio de sustento parco; pois diz Collero, que se sustentava de sopas de leite, e passas, e era tão modesto nos vestidos, que trajou sempre de preto, e de mui grosseiro panno; respondendo ao Gran Pensionario da Hollanda, que lho estianhou -- Que o edificio humano escusava ricas armações.

Errou que he homem, mas errou com elle  
 Toda a escola Eleática, e tu mesmo,  
 O' Seneca immortal, com elle erraste:  
 E Campanéla, e Bruno, e a nós mais perto,  
 Contradictorio Miraband, deliras.

Mas quem, profundo Hebreo, te nega engenho?  
 Em força d'alma hes unico entre todos  
 Dos que além penetrar julgão que he dado  
 Do que foi dado a pensamento humano.  
 Eu te posso impugnar, e outros te insultão.  
 Talvez eu sorte igual no Téjo alcanço  
 Não penetrando da Sciencia o Templo,  
 Porém no ingénuo dom d' ingenuos versos,  
 Que a si por premio tem, por méta a Patria:  
 Béja te deo teus pais, teu berço o Douro:  
 Alguma cousa tens commum comigo.

Alli d' Obergio, Mallebranche, e Locke  
 Os aureos bustos luminosos via,  
 Que em transcendente fluido brilhante  
 Para hum Mundo ideal seus passos guião,  
 E, as sombras methafisicas rompendo,  
 Sem fallar ao sentido ás almas fallão.  
 Abrindo o geometrico compasso  
 Quantos talentos assombrosos vejo!  
 Entre o Germano agudo, e ameno Franco  
 Do Italico saber vejo os milagres.  
 O que Diofante, o que Apolonio excede,  
 Do grão Toscano a par, brilha Viviani.  
 Sexo, sexo gentil, na Italia hes grande;  
 Nos Labyrinthos do profundo Euclides  
 A formosa Ardighelli, e Agnezzi entrarão



Outra Laura maior, q' essa, que outr' ora  
 Do vate, t'odo amor, deo força á Lyra,  
 Nos penetraes da Natureza entrando,  
 A Spalanzani explica altos mysterios.  
 Com ella Boscovich subiste aos astros.  
 Não te vence hum Maraldi, e nem Cassini:  
 Talvez, talvez, que a formosura as graças  
 Me pareça que dão luz ás sciencias.

Algaroti, teu vulto alli contemplo,  
 Tão grato foste ao Salomão do Norte;  
 Porém mais grato a mim, e ás artes foste.  
 Entre o fulgor da purpura mais brilha  
 Do grande Passionei a excelsa imagem;  
 Issocrates te cede, inda que venha  
 Do grão pezo dos seculos seguido;  
 Não tem que oppôr-te, ou q' igualar-te o Sena,  
 E menos tem q' equiparar-te o Mundo  
 Encanto omniscio, universal Roberti:  
 Não me cega a paixão, q' ao Tibre eu guardo,  
 Nem o clarão de Italica sciencia  
 Tanto me cega, e me deslumbra tanto,  
 Que não veja raiar no Templo augusto  
 D' Anglia, e Germania os protentosos sabios.  
 Alli d' Hobbes descubro a imagem triste;  
 Alli vejo Stanley das Artes Livio;  
 E o que nasceo para illustrar o Mundo  
 Desde o frio Danubio, o grão Bruckéro;  
 E Kant, a si clarão, e enigma a todos.  
 Alli brilhava Degerando illustre,  
 Que em mui douto suor banha os escritos,  
 Que eterno fazem nos umbraes da Gloria

De ti, Filosofia, ávido amante.  
 Meigos olhos lançou tambem no Téjo  
 (Quando ha de, ó Téjo, conhecer-te o Mundo?)  
 E, entre inda sombras Arabes descobre  
 O profundo Vernei, o ameno, o rico:  
 E, que dissera se encontrára hum Nunes;  
 Astros, astros do Ceo, prendeo-vos elle  
 E, o subtil instrumento ao nauta entrega,  
 Ao nauta Portuguez, senhor dos mares:  
 Sem elle Cook o globo ah! não cortára!  
 Mas lá foi Magalhães sem elle, e cerca,  
 Porque a si se levava, o mar, e o Mundo!  
 Tu nos meus versos mofarás do Lethes,  
 E a gloria que te nega a Patria ingrata  
 Em suaves canções te outorga hum vate.  
 Ah! permittira o Ceo, q' o preço humano  
 A' morte não pagára alma tão grande!  
 Eu não deprimio o merito, o talento;  
 Naquelle alcáçar resplendente estava  
 (Deposto hum pouco o Tragico cothurno,)   
 O florido Voltaire, Sceptico illustre,  
 Emilia tinha ao lado, Emilia o tymbre  
 Talvez maior do feminil engenho;  
 Com ella corre a passear nos astros.  
 Eu lá vejo Nollet, Brisson descubro.  
 Salpicado Bailly de fresco sangue,  
 Indagador Sonnini a quem Fortuna  
 Se honras na vida deo, na morte as néga;  
 Vive em sciencias, na pobreza expira.  
 Além dos mares a Franklín descubro,  
 Que o raio foi prender nas mãos de Jove.

De Prussos vejo o busto ; o nome ignoro ,  
 Ou barbaro talvez não cabe em versos ;  
 Aurea lingua do Téjo em vão procura  
 Em seus cadentes numeros suaves ,  
 E na Lira ajustar , que a Grega imita ,  
 Os acres sons dos Hyperboreos nomes :  
 Mas não faz dura a metrica harmonia  
 O teu nome ó Linneo , tu sacerdote  
 Do Sanctuario d' alma Natureza ;  
 Alli vejo teu busto , alli cercada  
 A frente tens de peregrinas plantas ,  
 E tu , qual novo Adão , dás nome a todas .  
 Hum ramalhete de purpureas flores  
 A Europa , a Lybia , a America t' off'rece ;  
 A Asia de tantas maravilhas chêa  
 Das margens do Mecón , do Ganges , do Indo  
 Grinaldas te prepara , e lá tas manda ,  
 Tão bellas quaes as pinta o China astuto :  
 Ceilão entre seus balsamos as tece .  
 E o suave vapor , q' a Aurora exhala ,  
 Lá no berço onde nasce , e espalha rozas ,  
 Em dourados túribulos te invia .  
 Não tiverão os Reis , tributos destes !  
 Ao poder se negou , dá-se á sciencia .  
 Maior glória me chama , hum novo busto  
 Que entre todos maior , mais luz derrama .  
 Este he Buffon , que não mortal parece .  
 He seu louvor , universal silencio :  
 Nem lingua humana diz , nem mente abrange  
 Tudo o que foi Buffon ; contemplo , e calo .  
 Se he mais q' a Poezia , he mais que humano

Rafael co' os pinceis, Buffon co' a lingua...  
 Só Natureza he mais, porq' elles morrem,  
 Morte, não ella, taes rivaes suplanta.  
 Só Newton he maior; que entrego a palma.  
 Não ao que pinta, ao que conhece as causas;  
 Se este he só venturoso, este he só grande.

Com tanta luz atonito, e suspenso  
 Volvo os olhos de hum lado, e bem no meio  
 Do magestoso Templo o altar estava.  
 Por argenteos degrãos se avança e sobe,  
 Mas com trabalho, á baze alabastrina.  
 Alli sentada -- Experiencia -- estava.  
 Eu prompto a conheci no rosto antigo.  
 Na longa veste, e diamantina tarja,  
 Em q' esta li gravada, aurea sentença:  
 „ Das cousas mestra eu sou, dos homens mestra „  
 N'hum quadrado Geometrico se assenta  
 O sacrosanto altar, e em cima posto  
 Vi como hum vaso de alabastro puro;  
 Que não de Fideas o cinzel abrira;  
 Teve artífices dois, Estudo, e Tempo.  
 Do seio lhe rompia etherea chamma,  
 Q' ante o Nume brilhando aos Ceos subia  
 Inextinguivel lampada, que os annos  
 Vão augmentando progressivamente.  
 Formão á Deosa os seculos hum throno  
 Mais que os rubins precioso, e mais segura  
 Materia tem; que o sólido diamante.  
 Tem cheio o rosto de viveza, e graça,  
 Que amor no humano coração desperta,  
 Que encadêa a vontade, a alma levanta.

D' estatura commum se me antolhava ;  
 Mas logo a vi subida até co' a frente  
 Ir topetar na abóbada do Templo.  
 De fios subtilissimos tecidas,  
 Mas de materia indissoluvel, erão  
 As vestes q' ella traja, e que formadas  
 Forão por ella mesma, obra pasmosa,  
 Que do candido pé, ao collo eburneo  
 Forma diversos grãos: hum véo sombrio  
 (Por máo proterva lacerado em parte)  
 De negra antiguidade a envolve toda  
 Nas mãos tem livros de diversas lingoas,  
 Onde eleva tambem dourado sceptro.

Pasmado, á quasi omnipotente Deosa  
 Todo me inclinô, á magestade acato.  
 Titubeante, e tremulo dest' arte,  
 Soltando a voz hum pouco, á Deosa fallo:  
 „ O' tu do estudo emprego, ó Madre excelsa  
 Da intelligencia dos arcanos todos  
 De que he fecundo o Ceo, fecunda a Terra;  
 Tu da verdade indagadora, e facho  
 Luminoso da vida. O' tu do vicio,  
 Tu da ignorancia rispido flagello;  
 Tu, q' hes tudo ao mortal, q' hes luz, q' hes vida,  
 Ante os teus olhos me conduz Fadiga:  
 Misero Vate eu sou, no peito acólho  
 Desejo de saber: sempre afanoso  
 Apóz a imagem da verdade eu corro;  
 Mas a alma envolta em sombra, em sombra os olhos,  
 Enigmas vejo só, eu palpo enigmas:  
 Sentir, gozar, não perceber, he esta

Da existencia mortal partilha, e obra. . . .  
 Mas qual te vejo, ó Deosa, e q' orgulhosos  
 Amadores te cercão! Que ignorantes  
 Do acatamento q' a teu lume immenso,  
 Devo sempre guardar o engenho humano!  
 Deve, qual pobre, pequenino rio,  
 A quem agua não deo caudal torrente,  
 Correr tranquillo, e murmurar nas pedras,  
 Ao Pastor innocente, á Ninfa ingénua  
 Objectos de prazer offerecendo.  
 Mas o desejo audaz, e o louco orgulho  
 O torna rio impetuoso, e bravo  
 Soberbo, ufano vai d' agua não sua.  
 Eis se despenha, qual torrente Alpina,  
 E os campos cõbre furioso, e turvo;  
 Leva comsigo os troncos, leva os gados,  
 Leva o Pastor, e a misera choupana,  
 Té que cesse do ar fecunda chuva:  
 E, serenado o ceo primeiro orgulho  
 Então depõe deixando a marge enchuta. ,,  
 Mais quizera dizer eis q' o grão Nume,  
 Fitos em cuja frente eu tinha os olhos,  
 Soltou dos labios divinal sorriso,  
 E, doce voz alevantando, exclama:  
 ,, Podem, meu filho, eternizar no Mundo  
 O mesquinho mortal meus dons sublimes,  
 E as idéas altissimas, e claras,  
 Q' eu co' mão destra na sua alma imprimo;  
 Comigo, e o sentes tu, do pezo humano  
 Se livra, se desfaz o entendimento;  
 Ao alto sôbe, e se remonta, e chega.

Comigo aos claros Ceos, comigo entende  
 Mystérios profundissimos, e entra  
 Da Natureza nos occultos seios.  
 Essa Eterna Razão por mim conhece,  
 Que se difunde n' Universo inteiro,  
 A, que mora no germe, occulta força,  
 A que a tudo dá fórma, e dá figura.  
 Por mim, por mim conhece a origem d' alma,  
 Qual tenha em corpo humano assento, e throno;  
 A que fim s' encaminhe, e quaes s' encontrem  
 Ou desgraças, ou bens, na vida, e morte.  
 Eu torno bello o Mundo, os homens sabios  
 Se ingenuos querem vir seguir meus passos,  
 E contempláo por mim o alto principio  
 Das cousas em si mesmo, os grãos, e os tempos,  
 Que a tudo tem prescripto a mão do Eterno.  
 Eu os levanto a conhecer hum Nume,  
 Obedecer-lhe, e venerallo sempre:  
 Delle, e só delle a pressentir em tudo  
 A lei, e ordenação; eu só lhe ensino  
 A dar justo valor, dar justo apreço,  
 Ao que se mostra ou verdadeiro, ou falso.  
 Se o prazer, a que he misto o pranto, a magoa;  
 E o pungente pezar, que he tardo sempre,  
 Os homens sabem condemnar, eu mesma  
 Seu peito aclaro, o coração lhe inflammo;  
 He meu proprio este dom. Por mim descobrem  
 Que he só feliz na Terra, he só potente  
 Quem se domina a si: Guia incorrupta  
 São minhas luzes ao mortal na vida.  
 Eu primeiro lhe aceno, eu lhe preparo,

( Depois Religião , que he só , que he tudo )  
 Séde no Ceo , qu' eternamente he bella.  
 Do Christianismo hũ mestre , hũ sabio , hũ grande ,  
 De Alexandria nas escolas doudas ,  
 D' alta verdade , que dos Ceos foi dada ,  
 Pedagoga me chama , eu sôu por certo  
 Quem da luz da Razão , da Natureza  
 - Leva os mortaes a accreditar mysterios  
 Qu' á razão não se oppõe , mas são mais altos.  
 Mas eu deſço contigo ao Templo augusto ;  
 Q' inda que erguido o vêz , não he distante  
 Da terrea habitação do engano , e minha.  
 Olha , admira , contempla a excelsa móle  
 Premio d' hum Grande que he brazão do Mundo :  
 Este he d' honra immortal o alto ornamento ,  
 Que eu mesma á Gloria consagrei , com elle  
 De hum Pontifice meu premeio as obras ,  
 Elle as minhas expoz , dou premio ás suas. ,,  
 A Deosa emudeceo , á dextra eu volvo  
 ( Nunca confuso assim ) trementes olhos ;  
 E no meio da luz brilhante , e pura  
 Soberbo alçar-se Mausoléo descubro.  
 De Newton vi gravado o nome excelso  
 N' hum pórfido immortal , que nem d' Augusto ,  
 Ou no Tybre cobrio geladas cinzas ,  
 Ou do Grande Pompeo fechou no Nilo  
 Restos chorados do implacavel Julio.  
 Depois que vezes mil no estranho , e grande ,  
 Monumento fitei pasmados olhos ,  
 Por longo tempo contemplando absorto  
 Aquella d' alto engenho obra estupenda ,



Ao Britanno immortal sagrei com votos  
 Inteiro o coração , minha alma inteira ;  
 D' estima este o tributo , o feudo he este ,  
 Que eu primeiro paguei , Nação pasmosa ,  
 De quem o mar he todo , a Terra he quasi .  
 Mas eu sou Portuguez , e armas não podem  
 Alhêas deslumbrar-me ; eu vejo as Lusas ,  
 Cuja gloria tu vêz no vasto Oriente ,  
 E , onde levantas triplice bandeira ,  
 Primeiro o nome Portuguez encontras .  
 Eu não te invejo a gloria , nem thesouros ;  
 Se de Safyras atulhados cofres ,  
 Fios de brancas Pérolas , se finos  
 Luminosos Rubins d' Asia recibes ;  
 Já d' Asia hum Portuguez trouxe mais qu' isso :  
 Do Indo , Hydaspe , e Gange as aguas trouxe  
 Dentro em barro Chinez ; e era Atayde .  
 Será maior teu Rodney , ou teu Nelson ?  
 Nem teu Monk he maior , se o Sceptro engeita ;  
 Em Regia frente o Diadema pondo .  
 Hes grande para mim porque em teu seio  
 Bolingbrocke apparece , Adisson , Pope ;  
 Apparece Bacon , Milton tactêa  
 Arpa tocada só d' Hebreo Monarcha ;  
 Em ti tiverão berço , e Locke , e Tompson ,  
 E o que os povos do Mundo inda baralha ,  
 E a Gallia fez tremer , Pitt , he teu filho .  
 Hes grande para mim , porque hum Senado  
 De Reis , mais que o de Roma em ti conservas ;  
 Onde tantos Demosthenes , e tantos  
 Tullios sabem surgir , salvar a Patria .

He esta a fonte do respeito, e estima ;  
Que eu Vate, que eu Filosofo consagro  
A ti grande Nação, da Europa asylo.

*Fim do II. Canto.*

---

---

## NEWTON,

## POEMA.

## CANTO III.

**T**Inha ficado em extase profundo  
Do protentoso Mausoléo co' a vista:  
Mas da pasmosa suspensão me chama  
A Fadiga outra vez; eis abro os olhos,  
Junto ao sepulcro vejo em lédo aspecto  
Matronas duas de belleza estranha:  
Huma nos hombros veste argenteas azas,  
Na dextra mão sustenta argentea tuba;  
Vi que era a Fama, que immortaes escritos  
De Newton celebrou; era outra a Gloria,  
Que os sustenta nas mãos, defende, e guarda.  
Da Fama, e Gloria he obra, he maravilha  
O immortal Cenotafio: aos pés sentada  
A Verdade admirei simplice, e núa:  
Ella serve de baze ao grande, illustre  
Monumento immortal onde a pressága  
Mente me diz, que saberão no Mundo,  
Que eu no Mundo existi, tardios netos.  
Do seio extractos da materia prima

Dois pedestaes estão, que no encendrado  
 Ouro conservão symbolos diversos,  
 E as bazes são de lúcidas columnas.  
 No meio huma Pyramide que mostra  
 No mui subtil triangular remáte  
 Do fogo, e clara luz o throno, e assento,  
 Qual entre os Gregos o mais douto o mostra,  
 Crendo que deste fogo era alma chêa,  
 Que qual laço entre si sustenta, e prende  
 Intelligivel Mundo ao Mundo inerte,  
 Incorporea substancia á sensitiva:  
 (Methafysico abysmo, ou sombra he isto,  
 Que eu débil, que eu mortal romper não posso).  
 Daquelle fogo interminavel fonte  
 Vi d' átomos sahir, que o Sol brilhante  
 Desde o seu seio luminoso espalha,  
 Donde o immenso esplendor dalvez se forma.  
 Além do alcance do saber humano  
 He sua rapidez, correm velozes  
 Dos Ceos o immenso espaço, em toda a parte  
 Se difundem no ar; destas pequenas  
 Particulas tem luz, tem lume os corpos;  
 Sempre impellido vai, vibrado sempre  
 (Continua undulação) primeiro raio  
 D' outro, que d'elle apóz o Sol despede.  
 Diante da Pyramide sublime  
 Entre as columnas se elevava ingente,  
 Firme, segura baze; ordem Toscana  
 Com magestade seus adornos forma;  
 Nella esculpido teu grão nome eu leio,  
 Immortal Galileo, tu preço, e gloria

Da Etrusca Sapiencia, e timbre illustre  
 D' alma Cidade qu' em seu gremio ouvira  
 Os magos sons da Cythara suave,  
 Que a Laura celebrou, qu' ouvira outr'ora  
 Da boca de Ficino auri-eloquente  
 Do excelso Platonismo expôr mysterios;  
 Que dera o berço ao que descobre hum Mundo,  
 Que o nome seu tomou; qu' inda hoje o guarda.  
 Immortal Galileo, devem-te os sabios,  
 Da Terra aos astros o caminho aberto;  
 Qual deve a Magalhães o nauta a estrada,  
 Que cerca todo o globo em mar profundo:  
 He teu brazão sómente, he gloria tua  
 Desta mesquinha, inerte escura Terra  
 Avizinhar as lucidas estrellas;  
 E, se o Toscano ceo d' astros he rico,  
 Que ao throno Medicêo docel formárão,  
 A ti se deve, a ti!... Memoria triste!  
 O throno Medicêo, he sombra, he cinzas,  
 Depois que o Tygre, ou Vandalo do Sena  
 Despreza a Sapiencia, avilta os thronos!  
 O teu engenho inaccessible abre  
 Nova estrada ao saber: Britanno illustre,  
 Com ella architectou obra estupenda,  
 Que, consagrada á lucida verdade,  
 Da proterva ignorancia o orgulho opprime.  
 Immortal Galileo, ao dia, ás luzes  
 Que ao Mundo trouxe teu saber profundo,  
 Se oppôz a cega audaz insipiencia  
 E inda agora se oppõe; que hum véo sombrio  
 Tentou no Sena, despregar-te em cima.

Ah! não se lembrão que se a Italia culta  
 Não dera o berço a Galileo, não forão  
 Tão ufanas de si Gallia, e Britannia,  
 Hum Newton dando á luz, e á luz Des-Cartes!

Dos lados sobre a baze alta, e segura  
 Eu vi dois globos da pezada, e dura  
 Magnete, que he mysterio ao sabio, a todos:  
 Virtude de attracção nella reside,  
 Se a mente a não conhece, a vista a sente:  
 Pegando, unindo a si (profundo arcano!)  
 Esse metal cruel, sagrado a Marte,  
 Que hoje a misera Europa em sangue inunda,  
 E he dos mortaes na mão rival do raio.  
 Esta ao sabio, esta ao vulgo ignóta força,  
 Como em triumpho se descobre, e mostra.  
 De teu contínuo meditar foi obra,  
 O' Genio do Tamiza, este prodigio;  
 Mostra a tendencia qu' entre si conservão  
 Alternativamente os corpos todos,  
 Que a hum centro que he commum gravitão sempre.

Ignóto nome aos seculos antigos  
 Foi attracção reciproca, e foi sempre  
 Centrífuga, e centrípeta ignorada,  
 Com que estranhos fenomenos s' explicão.  
 Em seu lugar as gárgulas escolas  
 Sonhárão Nume occulto, occulta força,  
 D' odio, e d' amor combate, ou guerra eterna,  
 Horrór do vácuo, e qualidade ignóta.

N'hum dos globos está gravada em ouro  
 Por mãos de Ptolomeo etherea esfera,  
 A' qual d' ambito immenso a Terra he centro:

Acima della brilha argentea Lua,  
 Que o nocturno clarão do Sol recebe.  
 O mensageiro dos celestes Numes  
 Muito acima fulgura; e essa, que teve,  
 Alma belleza, no Oceano o berço,  
 No que he terceiro Ceo, resplende, e brilha;  
 Precede o dia; quando nasce, e surge  
 Quando o disco do Sol se encobre, ou morre!  
 D' aurea luz coroadó, e ardentes raios  
 O Sol succede: e se descobre Marte  
 Sanguineo, e triste n'outro Ceo rodando.  
 De Jupiter o globo immenso, e claro,  
 Em mui remoto circulo se agita.  
 Inda além d'elle, vagaroso, e frio,  
 Vai do antigo Saturno o debil raio.  
 Immoveis pontos, lucidas estrellas  
 Brilhão no immobil crystallino assento.

Obra do grão Copérnico descubro  
 N'outro globo esculpida, immensa esfera,  
 Della o Sol luminoso he centro, he fóco,  
 Que mui proximo a si Mercurio observa;  
 Vai n'hum carro apoz elle a Cypria Deosa  
 Roseos freios batendo ás alvas Pombas,  
 (Dos astros todos o mais bello, he este);  
 E n'outro ceo mais alto a escura Terra,  
 Tornada astro rotante, o gyro absolve;  
 Da Lua seu satéllite seguida,  
 Da qual ao vario movimento he centro.  
 Das feras armas lugubres o Nume  
 (A quem tanto tributo, incenso tanto,  
 Em lagrimas, em luto a Europa off'rece!)

Segue-se apoz da terra ; e apoz de Marte  
 O vivo , o claro , o desmedido Jove ,  
 De brilhantes satélites cercado  
 Que tu , grão Galileo , primeiro achaste !  
 E do tardo Saturno a immensa , e vasta  
 Mole apparece , de Clientes muitos ,  
 E variante anel cercado avança .

Hum longo estudo architetao tão bella ,  
 Tão engenhosa machina prestante ,  
 Entre os gelos Sarmaticos levada  
 A' maior perfeição , pois já n' antiga  
 Idade a vio sahir absorto o Mundo  
 Das mãos do escravo do eloquente Tullio , (\*)  
 A quem , deposta a consular soberba ,  
 Se dignou de escrever , chamar-lhe amigo .

Sobre os dois globos se sustenta , e firma  
 A illustre , sepulcral Urna estupenda ;  
 Architetada , e repellida brilha  
 De Prisma em fôrma , e de materia ignôta ;  
 Se o brilho he do diamante , inda mais brilha ,  
 Se he solido o rubim , mais dura existe .

( \*) Contra os meus propositos a respeito de notas , me vejo obrigado a esta , talvez que em hum passo escuro para muitos eruditos : Cicero entre seus escravos tinha dois , ambos Gregos , hum chamado Tyro , que era seu leitor , e a quem Cicero escreveu muitas cartas ; outro chamado Possidonio , inventor da machina a que chamamos -- Planetario -- ; ainda que não tão perfeita como a vemos . Isto diz o mesmo Cicero , a Attico , fallando da machina „ *Quam nuper Possidonius noster invenit.* „



Não folhagens de Acanto, ou de Cypreste  
 Alli pôz Escultura: em vez de adorno,  
 Em vez dos negros symbolos da morte,  
 Só gravou Mathematico Instrumento,  
 Com que medir dos Ceos a immensa estrada  
 Usa idéa Astronomica segura.

Do negro Paragon moldura observo,  
 Que em si contém de Izác a illustre imagem;  
 He relevada em solida Esmeralda,  
 Parece q' inda volve, e q' inda espalha  
 Filosofica vista em torno aos astros,  
 Que respirando está Filosofia.

E tanto ao vivo está, tal arte o fórma,  
 Que, se meus olhos acredito, ainda  
 Cuido que solta a voz, que os labios move.

Este relevo portentoso, e raro  
 He sustido nas mãos d' hum Genio illustre,  
 A quem deo berço d'Adria a grão Rainha,  
 (Hoje escrava tambem d' escravos feros)  
 Genio que objectos da terrena estima  
 Aos pés soube pizar, e além subindo  
 Onde o fragil mortal mui raro chega,  
 Teve ao lado Virtude, e teve o gosto,  
 Que o bello sabe achar nas artes bellas,  
 Rival sublime, ou vencedor de Horacio,  
 Na mente sempre á Poezia dada  
 Seguro alvergue achou Filosofia;  
 Pelas varedas da sciencia segue  
 De Newton o farol brilhante e puro.  
 Caro ao Monarcha, que juntou n'hum laço  
 De Minerva, e Bellona o genio, e as artes,

Minerva n' alma tem , nas mãos tem Marte ;  
 E a pacifica Oliva ao louro ajunta :  
 Monarca invicto , que estendeo vivendo  
 A mão benigna ás Musas desvalidas ,  
 E ao lado como amigo os vates senta ,  
 E no Reino , onde agora a Guerra existe ,  
 De Augusto fez raiar dourados dias :  
 Foi-lhe caro Algarotti ; oh fausto nome ,  
 Tão doce e grato ao lisongeiro sexo ,  
 Que une mil vezes formosura , e letras !  
 Da nivea mão travando-lhe o dirige  
 Pelas agras do calcuio varedas ,  
 E lhe ensina a não vêr com medo , e pena  
 Os labyrinthos das traçadas linhas  
 Nos cubos , nos triangulos de Newton ;  
 Este nas mãos sustem o Oval relevo ,  
 Que ao vivo representa , ao vivo exprime  
 Do grande explorador da Natureza  
 O magestoso , e respirante vulto .  
 D' Optica o Genio na moldura estende ,  
 Moldura sup'rior , brilhantes azas :  
 Com septemplice luz se expandem bellas ,  
 Que as côres todas primitivas guarda :  
 O corpo todo he nú , cercado apenas  
 D' hum sendal claro azul que estrellas bordão ;  
 Na dextra mão sustenta huma grinalda ,  
 E acena de cingir com ella a frente ,  
 De pedraria Oriental composta ;  
 Na esquerda mão conserva os luminosos  
 Crystaes , em lentes que afeiçoa e pule  
 Co' as doutas mãos Filosofo tranquillo

O Portuguez Hebreo na Hollanda escura, (\*)  
 Que, a vil lisonja despresando altivo,  
 Banha o pão com suor, trabalha, e vive.

D' aurea madeixa o Genio hum raio expande,  
 Que, composto de mil, fulgura ao longe.

Resulta delle a côr candida aos olhos:

Da Urna sepulcral no seio o raio

Se refrange instantaneo, em parte opposta

Quadrilongo se vê, posto que fosse

Esferico ao partir da origem sua.

Diversos grãos, e proporção distincta

As côres entre si guardão, conservão;

O brilhante escarlata occupa o fundo,

O laranja o meio, e, qual no Goivo

O amarello se mostra, alli campêa;

O verde então se vê, que enroupa as plantas;

Vegetação Rainha assim se veste,

O'pa com que se adorna, e o Mundo enfeita:

Do azul, que forra os Ceos, o Indico he perto,

E da saudade o symbolo tristonho,

Matiz da violeta; eis brilha o rôxo.

Escala harmoniosa! Eis della em torno

D' huma composta côr listões s' estendem,

Que outros compostos gradativos formão,

(\*) Collero na Vida de Espinosa diz, que seus pais  
 erão de Béja, e que elle nascêra no Porto, donde fôra  
 levado para Amsterdão de dois annos de idade, hindo  
 tambem com seus pais o célebre Jacob Murteira, que  
 depois foi seu Mestre: este foi o que depois se rio do  
 desafio de Antonio Viêira.

Que adornos são do Mausoléo soberbo:  
 E, n'hum Rubim profundamente expressas,  
 Estas palavras portentosas erão:  
 „ Com suas Leis a vasta Natureza  
 „ Immersa estava em tenebrosa noite;  
 „ Surge, ó Newton, bradava a voz do Eterno;  
 „ Nasceo Newton no Mundo, e nasce o dia. „  
 Eis tres figuras mais, do grão Sepulcro  
 Ornamento, diviso em torno postas;  
 Primeiro a de Ancião curvo, e rugoso,  
 Fontenelle se diz, meditabundo,  
 Aos Ceos aponta, e contemplando os astros,  
 Diz que habitados são, que a argentea Lua  
 He do pensante, e do mortal morada;  
 Qu' existem Mundos mais no éther immenso.  
 De vórtices cingido, outro apparece,  
 Em cujo seio envolve o Sol brilhante;  
 Em seu gyro assignala o móto aos astros.  
 Tem sobre o Cenotáfio os olhos fitos,  
 O simulacro observa, e mudo o adora.  
 Entre elles ambos Maupertúis descubro,  
 E sobre hum globo estende aureo compasso,  
 E sem temer as cerrações do pólo,  
 Geómetra sublime, os grãos lhe mede.  
 Eternidadé sobre tudo existe,  
 De insupportavel luz clarão diffunde,  
 Onde se perde, e se deslumbra a vista,  
 S' ousa fitar-se no seu seio immenso.  
 Mal contemplava o monumento augusto,  
 De homem tão grande consagrado á gloria;  
 De tão sublimes extasis me arranca

A Fadiga outra vez: „ He tempo, ó filho,  
 Que o transportado espirito se torne  
 A' habitação mortal, que desça á Terra:  
 Vai: quanto viste, aos homens anuncia;  
 Vai declarar insólitos protentos  
 Sobre esta móle sepulcral gravados.  
 O Mundo vivirá: Newton sublime  
 Em quanto exista, existirá com elle.  
 Sobre as ruinas do acabado Mundo  
 A gloria existirá fastosa, inteira,  
 Seu throno erguendo sobre immensa, e clara  
 Luz, que só Newton dividio na Terra. „  
 Disse; eis foge a visão, eis foge o Templo.  
 Eu, não diffrente d' hum mortal que vóa,  
 Desço do cume do fadado monte.  
 O mesmo monte s' escondeo: vapores  
 Lévantados em torno á vista enferma  
 Sobre mim denso véo de nuvens formão,  
 Roubáo-me ao claro Olympo: a planta apenas  
 Se me antolhava que na Terra firmo,  
 Do novo dia sou chamado ao duro  
 Lagrimoso trabalho, herança minha.  
 N'hum absoluta escuridade, inglorio,  
 Sómente a mim deixado, e á Natureza,  
 Sem murmurar do Ceo que assim lhe aprouve,  
 Tranquillamente o tumulto esperando  
 ( Pouco dista de mim! ) repouso eterno.  
 Mas sem que a vil lisonja hum pão mendigue;  
 Nem aos soberbos porticos dos grandes  
 A dependencia guiará meus passos,  
 Nem vergonhosa súplica aos ouvidos

D' hum homem meu igual levei té agora.  
 Falte em que ponha os pés mesquinha terra,  
 Injusta collisão d' almas obtusas,  
 Menos que vermes na sciencia, em tudo,  
 Só grandes na ignorancia, e na impostura,  
 Me procure azedar cadentes dias;  
 Nem duro, e negro pão banhado em pranto,  
 E obtido com suor me escóre a vida;  
 Nem tenha onde evitar (paredes nuas)  
 Das estações a dura alternativa;  
 Nunca abatido o peito em males tantos,  
 Nem triste o rosto me verão no Mundo;  
 N' alma assentado o presupposto tenho  
 De hum voz Filosofica, que brada:  
 „ Dos males todos, o menor he morte. „  
 Se he preciso morrer, sou grande, e livre,  
 Sou nobre, independente, e sou ditoso;  
 Do estudo, e da sciencia o fructo he este.  
 Não he caduca vida hum bem q' valha  
 De hum vicio só, de hum vileza o preço,  
 Mas em quanto não finda este intervallo,  
 Breve entre o berço, e tumulto, desejo  
 O' Patria minha, engrandecer teu nome,  
 Dai-e, qual hes, a conhecer ao Mundo.  
 Isto busco, isto quero, isto medito,  
 Neste seculo infausto á paz negado,  
 Em que tudo se esquece, excepto o sangue;  
 Em que he sciencia o calculo da morte;  
 Em que hum Tigre feroz se chama hum grande;  
 Em que amor do retiro, amor do estudo  
 Como fraqueza, e pedantismo he tido,

É a sciencia maior lembrar-se o nome  
 Da terra em que os mortaes seu sangue entornem,  
 Menos barbaro foi por certo o tempo  
 Em que do polo aquilonar marchando  
 Fero Ataúlfo, ou Genserico veio:  
 He Theodorico barbaro, mas teve  
 Ministro ao lado seu Cassiodoro:  
 Deo-se apreço ao saber, respeito ás Musas,  
 Filosofo he Boecio; aurea eloquencia  
 Apolinar, e Simacho sustentão,  
 E do Grego saber riqueza, e brilho  
 Nas escolas Ecléticas conserva  
 A' foz do Nilo transplantada Athenas.  
 Mas agora!... ah com lagrimas augmento  
 Do patrio rio a turbida corrente!...  
 Porém eu torno a mim, que a mim me rouba  
 Melancolico véo que alma me enluta.  
 Trago do Templo excelso inda gravadas  
 Na fantazia fervida as imagens,  
 Que eu alli descobrira, inda me lembro  
 De quanto ao grão Britanno as Artes devem.  
 Cultas nações extaticas o louváo,  
 Nunca a lingua mortal cança em louvallo:  
 Unico Genio, cujo estudo, e fama,  
 Sómente ha de acabar quando se solte  
 A chamma voracissima do fogo,  
 Que a Terra, os astros lucidos consuma,  
 Com que do Mundo a machina vacille;  
 Como tu prometeste, e tu cantaste,  
 O' dulcissimo Vate, a quem por louros  
 Deo do Tybre o Tyranno a Scitia, e morte.

Newton, foste mortal ; mas quasi eu creio ,  
 (Qual he crença de extatico Poeta )  
 Que d' hum astro natal vieste ao Mundo  
 Mostrar prodigios aos mortaes ignótos.  
 Tu , c'o Prisma na mão mostraste a fonte  
 Da septiforme côr , que a luz encerra ,  
 Qual seja a essencia sua , e qual a vida.  
 A superficie dos terrenos corpos ,  
 Em parte absorve os luminosos raios ,  
 E , reflectidos n'outra parte , os manda  
 Aos olhos nossos com diversas côres.  
 Opáco eis apparece o corpo , quando  
 A luz não tópa com directos póros ;  
 Na obliquidade a escuridão consiste ,  
 Pois menor transparencia a luz encontra.  
 Tu decifraste as primitivas côres ,  
 O' grande Genio scrutador do Mundo !  
 Tu das mixtas nos dás brilhante idéa ,  
 Que effeitos são dos reflectidos raios ,  
 E qual seja o poder donde dimanã  
 A' réfracção , e reflexão principio.  
 Nem são de teu engenho obras supremas  
 As qu' em suave metro expuz té agora.  
 Não so da luz as vibrações potentes  
 Refrangiveis mostrou nos corpos densos ,  
 Que no incessante moto encontrão sempre ;  
 Mas a mais progredindo a mente excelsa ,  
 Não se perdeo no calculo infinito :  
 Abysmos onde hum novo ignóto brilho  
 Aos mortaes pode abrir ; sahindo ovante  
 Do labyrintho de infinitas curvas ,



Quando a recta propoz, porque he finita;  
 Se hum pouco só diverge, então se fórma  
 Sempre em curva infinita. O' sombra, as Musas  
 De ti se espantão, se intimidão, fogem:  
 Só lhe apraz terra donde brotem flores;  
 Só maneão pinceis, calculo odêão;  
 Ou he pequeno emprego á fantasia,  
 Que se escaida, se expande, e se remonta,  
 Juntar com sequidão cifras a cifras;  
 Outro quadro maior minha alma occupa.

Bastava, ó Newton immortal, bastava  
 A dar-te hum nome eterno, a luz, e as côres;  
 Mas tu, dá clara luz transpondo o Imperio,  
 Foste os astros seguir no eteino móto.  
 A pestilente Inveja em vão contrasta  
 A teu nome immortal memoria, e honra.  
 Da Geometria nas valentes azas  
 Nunca tentado despregaste hum vôo,  
 E d' huma esfera n'outra esfera foste  
 Viver entre mil soes sem deslumbrar-te;  
 Lá tu foste encontrar, de lá revélas  
 Lei q' a hum centro commum chama os Planetas,  
 E a lei com que do centro os astros fogem.  
 O móto desigual da argentea Lua  
 A teus profundos calculos sugeitas.  
 Tu no móto annual, tu no diurno,  
 Vais passo a passo acompanhando a Terra.  
 Tu do grande fenomeno espantoso,  
 Exposto a nossa vista, e sempre ignóto,  
 Com que ora sobem na arenosa praia,  
 Ora descem na praia as turvas ondas,

A verosimil causa, ou certa apontas.  
 E teu profundo espirito em repouso,  
 Assombroso mortal, jámais deixaste.  
 Se, os tubos astronomicos depondo,  
 Deixas de ir vêr os Ceos, correndo os astros,  
 Não satisfeito de rasgar o obscuro,  
 Denso véo que encobria a Natureza,  
 Pelos sombrios pennaes entrando  
 Com luminoso facho, e nunca extinto,  
 Tu, nascido a dar luz, rasgas as sombras  
 Talvez mais densas, que no seio envolvem  
 Marcado já período dos tempos,  
 Vai correndo teu fio, e apenas paras  
 No momento em q' á voz do Eterno o Mundo  
 Surge do cáhos, se organiza, e brilha.  
 Tu, da impostura oriental mofando,  
 E do fallaz mysterioso Egypto,  
 Só da verdade oráculos respeitas.  
 Petavio, Usserio te contemplão mudos  
 Quando outras luzes contemplando mostras  
 Da Natureza na observada marcha  
 Tão remoto não ser da Terra o berço.  
 A baze, as progressões, a gloria, a quêda  
 De Imperios vastos que ambição formára,  
 Interpetre das leis dos Ceos, dos astros,  
 Quizeste ser Legislador dos tempos.  
 Quem pôde a gloria recuzar-te, ó Newton,  
 De dar ao Mundo a luz que elle não tinha?  
 A transcendente Geometria elevas  
 Ao ponto além do qual finda o perfeito.  
 Da Natureza sacerdote, aeclaras

Mysterios que ignorára a Grecia, o Lacio.  
 Pelas sombras da Historia a luz derramas  
 Quando a baze maior, Chronologia,  
 Tu deixas em teus calculos segura.

Se o profundo Varennio a terra, os mares  
 Co' a régoa Filosofica medindo,  
 Este, ai! tão triste! domicilio humano  
 Em quadro multiforme offrece á mente;  
 Tu te dignas polir, dar brilho, e preço  
 Talvez ao mór Geógrafo que exista;  
 A Newton por interprete merece!  
 Nelle a luz he brazão, que tu lhe emprestas;  
 Em ti timbre maior, sendo tu Newton,  
 Confessar, conhecer merito estranho.

Da Natureza expositor, quizeste  
 As azas desprezar n'hum ceo mais alto,  
 As cortinas fatidicas rasgando,  
 Com que a mão do Immortal cobre o futuro,  
 Foi teu maior estudo esse volume;  
 Onde as visões de extatico Profeta  
 Em sombra impenetravel se sepultão,  
 Não vadeaveis, não, q' e os aereos sellos  
 Só lhos deve romper momento extremo,  
 Quando de espanto agorizante o Mundo,  
 Vir das nuvens baixar do Eterno o filho.

Não foste grande aqui; mas são pequenos  
 Quantos ousão rasgar contigo as sombras,  
 Em que Deos quiz guardar mysterios tantos.  
 No Templo Filosofico dest' arte  
 Tu mereceste hum tumulo sublime,  
 Que he seu mais nobre altar; não pompa infausta,

Qual ser dos Reis o mausoleo costuma ;  
 Neste a gloria se acaba , o nome expira ;  
 O teu dalli começa , e dalli manda  
 Raios de luz a esclarecer o Mundo.

Se tens a mente de sciencia cheia ,  
 Tens de virtude o coração cercado :  
 He mais arduo ser bom , que douto , e sabio ;  
 E huma Virtude só tem mais valia  
 Que o teu compasso d' ouro , as linhas tuas ,  
 E as leis que dás , ou que suppões nos astros.  
 Entre o fausto incivil , entre a grandeza ,  
 Podeste ser Filosofo modesto.

Ah ! sem virtude , a sapiencia he nada !  
 A Inveja te assaltou , ( e a quem perdoa  
 Este monstro o maior do escuro Inferno ? )  
 Mas tu , qual no Oceano altivo escolho  
 Das negras ondas , que rebentão , zombas ,  
 E , se hum novo Palacio á Sapiencia  
 Levantarão mortaes no Tybre , e Sena ,  
 Os enfeites são seus , e as bazes tuas :  
 O' feliz Albion , berço de tantos  
 Magnanimos Heroes , que o Mundo illustrão ,  
 Da honra , e da virtude asylo , e Patria ,  
 Vê que ha no Téjo quem conheça o grande  
 Alumno teu que legislou nos astros ;  
 Quem seu saber adore , e seu profundo  
 Systema vá seguindo em todo , em parte ;  
 Quem possa ser maior , e igual ao menos .  
 Este dos versos meus , tributo acceita  
 Que eu consagro a teu nome , á gloria tua :  
 Pendura-os em seu tumulo ; e se tanto

Nem desejar, nem merecer eu devo,  
 Junto da pedra, que os despojos fecha  
 De Tompson teu Pintor, meus dons conserva:  
 Se elle traçou da Natureza o quadro  
 Dos seculos té alli co' a Lyra intacta,  
 Eu do Interpetre seu pinto em meus versos  
 O grande Genio, e lhe eternizo a Fama.

*Fim do III. Canto.*

## NEWTON,

## P O E M A.

## CANTO IV.

**D**A luz que o Templo magestoso enchia  
Nunca a meus olhos o clarão s' extingue,  
Com elle vejo d' outra sorte a Terra:  
S' era envolta até alli na sombra escura  
Do cáhos da ignorancia, eis fulge, eis brilha  
De novos astros, nova luz banhada.  
Era tréva até alli quanto pousara,  
Em Athenas outr' ora, outr' ora em Roma.  
Era frouxa a impulsão de sabios tantos,  
Que, mestres do Universo, aos homens davão  
Lições de sapiencia. Ah! nunca o Templo  
Aos miseros mortaes se abriu de todo!  
Quando a barbarie Góthica domina  
Por tantos, tantos seculos no Mundo,  
Dos continuos fenomenos a causa  
Sempre ignorada foi. De espaço a espaço  
Surgia hum Genio, forceiando apenas  
Por quebrar os grilhões, Baldado intento!  
Hia o volume universal fechado,  
Com sellos de Diamante, á força humana;

Qual no tristonho tenebroso Inverno,  
 Quando a densa, importuna, e grossa ne  
 Abafa em torno o ar: se o Sol brilhante  
 Rasga c'ó vivo raio o manto espesso,  
 Subito foge; subito o negrume  
 Tapa de novo o fulgurante aspecto,  
 O Imperio estende da imperfeita noite.  
 Tal da Verdade, e Natureza estava  
 Envolto sempre o rosto em véo sombrio;  
 E, se hum frouxo vielumbre hum pouco a treva  
 Tentava dividir, mais carregada  
 Vinha cahindo a sombra da ignorancia:  
 Ou porque o cego Fanatismo as luzes  
 Demorava continuo, ou porque ainda  
 O marcado periodo não vinha  
 Na vasta, immensa successão dos tempos,  
 Que a mão que rege o todo ás artes marca,  
 Quaes os Imperios são que nascem quando  
 Do nada á vida a Providencia os chama.  
 Quantos Genios nutrio no seio a Italia  
 Antes que Newton fulgurasse ao Mundo?  
 Tilesio, Cisalpino, e Bruno, aquelle  
 Que entre chammas fataes seu crime expia!  
 E Cardano, que entr' Arabes idéas  
 Tantas centelhas luminosas lança!  
 Mas nunca rompe o dia, e o Mundo aclara.  
 Tu mesmo ó Galileo, teu passo apenas,  
 Ao Peristillo do grão Templo levas:  
 Não te foi dado os porticos de todo  
 Aos homens franquear. Germania hum Sábio  
 Produz, q' aos Ceos se lance, os astros peze,

E ouse fallar de perto á Natureza ;  
 Kepler as leis universaes sentia ,  
 Que seguem na carreira ethereos corpos .  
 E Gallia , então n' Aurora , então no berço ,  
 Ou não escuta , ou não conhece o Sabio ,  
 Que entre os gelos da Hollanda hum Mundo finge  
 De turbilhões , de vortices sonhados :  
 E de Epicuro nos jardins se assenta  
 Renovador dos átomos errantes  
 Pensativo Gassendi , e em tréva envolto ,  
 Corpuscular Filosofia ensina ,  
 Onde engeho só brilha , e nunca hum passo  
 A sempre douta experiencia avança .  
 Ah ! se mais á razão , que á fantazia  
 Desse o Germano illustre a quem patente  
 O vasto Imperio foi das artes todas ,  
 Se as primitivas mônadas , se aquella  
 Pré-existente enfática harmonia  
 Hum pouco s' esquecesse , e a voz ouvisse  
 Da contumaz observação das causas ,  
 Mais cedo , e mais brilhante a luz raiára !  
 Do immenso livro do Universo os sellos  
 Aos olhos dos mortaes s' espedaçarão !

Mas Newton existio , e a Terra he outra ;  
 O que era só mysterio , o que era sombra ,  
 Foi tudo luz , e sapiencia tudo ,  
 Bem como he todo luz , e he dia o Mundo  
 Quando o disco do Sol do Ganges rompe ,  
 De arcanos naturaes expoz a cifra  
 Raszou-se o manto a toda a Natureza !  
 Eis do infinito o calculo profundo



Pôde abrir, e forçar cerradas portas.  
 Da Sapiencia o recatado Templo  
 Visto apenas ao longe entre inaccessas  
 Róchas quebradas de escarpados montes  
 Se abriu de todo, e se mostrou qual era.  
 Oh! que scena espantosa, oh quadro augusto!  
 Entusiasmo-que minha alma agita  
 Te abrange todo, te contempla, e pinta.  
 Em teu claro vastissimo horizonte  
 As gradações da luz, da sombra eu sigo,  
 Empreza digna de espantar por certo  
 A rica fantazia, o fogo, a força  
 De Tintoreto, ou de Jordão pintando!  
 Eu não sei que ardimento interno eu sinto,  
 Irresistivel violencia aos versos  
 Me leva todo; e da memoria eu tiro  
 Thesouros cuja posse eu mesmo ignóro:  
 Sobre mim me levanto, e alheio aos males,  
 Que outra vez tão de perto, em copia tanta  
 Terrivelmente minha Patria assombrão,  
 A Lyra Filosofica tactêo,  
 E onde não chega estrepito da guerra  
 Eu vejo a luz que a Terra a Newton deve,  
 De antigos évos optica ignorada  
 De Sarpi, e Porta aos immortaes cuidados,  
 Ah! por certo deveo primeiros passos!  
 Porém co' Prisma, e calculos de Newton  
 Pode formar a analyse das côres:  
 Do Genio, tymbre d'Anglicos triunfos,  
 O volume doutissimo propaga  
 A luz que era só vista, e ignota sempre.

Vãos systemas té allí que o throno occupão  
 Cahem sem força, e vigor no abysmo, e nad  
 A Experiencia só, corrige, emenda  
 Quanto á moderna observação se oppunha;  
 E a nova escóla Eclectica se eleva  
 Sobre a verdade, e calculo sómente.  
 Eis-Eulér, e Clairaut, profundos genios,  
 Sobre o problema dos tres corpos lanção  
 A baze ao grão saber, e altos progressos  
 Do magestoso simplice systema,  
 Que La Place immortal do Mundo offrece.

Quão gloriosas consequencias veio  
 De teus principios, ó Britanno illustre!  
 A nutação do eixo em que se firma,  
 Em que rodando vai pezada Terra:  
 Do mar a exaltação, do mar a fuga,  
 (Que fluxo, e que refluxo a proza chama):  
 D' astros primarios movimento eterno,  
 Dos satélites seus que ao centro tendem;  
 Dos Cometas excentricos, que o moto,  
 E sempre incerto, irregular conservão,  
 Os constantes periodos se marcão.  
 A libração da prateada Lua,  
 Astro proximo a nós, mas sempre ignóto,  
 E a causa achada dos bramosos ventos,  
 Do ar sonoro oscilações pasmosas;  
 Tudo he patente já. Methodo exacto,  
 E de integrar, de aproximar se abraça,  
 E tudo, ó grande Inglez, tua gloria augmenta!  
 A longa duração de quasi hum cento  
 D' annuas revoluções da Terra inerte

De teus principios á cultura entrega  
 Fontenelle dulcissimo, que Mundos  
 Vio mais no espaço, e aridas sciencias  
 De nova graça e formosura enfeita.

Da Germania, que hum tempo, e núa, e simples

A' Historiador Filosofo se mostra,  
 Surge o grão Wolfio, e se offerece ao Mundo;  
 Segue o trilho de calculos profundos:

Mathematica luz lança no campo  
 De quanta a Terra vio Filosofia.

De ti, grão Newton, os vestigios piza,

E da exacta sciencia entra o Sacrario,

Em sombras methafysicas s' entranha;

Quadro bem digno da attenção do sabio,

Nunca em meus versos ficarás inglorio!

A Inveja perseguio genio tão raro;

Entre agitadas borrascosas ondas

Em seu peito existio tranquillidade,

E a cada tiro venenoso dava

A grão resposta de hum volume douto

Com que da Sapiencia o erario augmenta.

Do Lycêo de Berlin lá fuge expulso

Vai com elle a Virtude, e vai Sciencia.

Da Hollanda nebulosa os sabios surgem.

Ah! porque fuge á magica harmonia

De meus versos seu nome! As Musas fogem,

E os Alpes vendo, os Pyreneos não passam.

Só do Tibre, ou do Téjo as aguas gostão

Depois que o Trace barbaro, e que o Scythia

Do Eurotas, de Hypocrene a margem pizão!

Mosckembroêke, Sgravesande illustrão

Da Fysica os confins. Conspicua em tudo,  
 Antes que ao jugo Vandalo dobrasse.  
 O tão nobre até alli livre pescoço,  
 Nevoça Helvecia n'hum só familia  
 Da sciencia o deposito conserva.  
 Fadada para as letras Baziléa  
 Tantos Bernullis dá, quantos os sabios.

Claro ornamento da sciencia exacta,  
 Onde hum tempo foi Grecia, e Roma outr'óra  
 Onde em Sena mudado, eu via o Tibre,  
 Quanto a Fysica val, quanto se avança!  
 A' Luz de Newton nova luz empresta,  
 E não deixou que dezejar á Terra.  
 Da grande Academia o Templo eu vejo,  
 Alcaçar da sciencia ao Mundo aberto  
 Do grande Newton a memoria, o nome,  
 Alli qual genio tutelar preside  
 No vasto erario de immortaes volumes  
 Encerra, e fecha a Natureza toda,  
 E a Natureza toda aos olhos abre.

De luz tão clara não carece Italia;  
 Paiz tão caro ao Ceo, tão grato aos sabios,  
 Ah! nunca os Brennos te pisassem, nunca!  
 Devera em cima de teus Alpes vêr-se  
 A gráo Minerva sobraçando a Egyde  
 Co'a angui-crinita frente de Medusa,  
 Onde os Hydros fataes s' enroscão, silvão,  
 Petrificar as Vandalas Cohortes,  
 Qual já Perseo c' o diamantino escudo  
 As iras suspendeo do equoreo monstro,  
 E Andromeda livrou. Italia, Italia,

Belligerantes torreões nos mares  
 De contrarias nações, a Hesperia, a Gallia,  
 E a soberba Albion, respeitão, guardão  
 Lenho que leva La Peyrouse, e marcha  
 Co' as raras produções do opposto Mundo  
 A enriquecer a Europa armi-potente:  
 Não he de huma nação, da Terra he todo  
 O sabio que a riqueza augmenta ás artes.  
 Tal acatada ser, tal tu devias,  
 O' domicilio do saber immenso,  
 E não hirem turvar profanas armas  
 Teus sabios immortaes, teus monumentos;  
 Tudo em ti tinha o Mundo, e as Musas todas  
 Tinhão firmado em ti seu Templo, e throno.  
 De hum vate acceita o pranto, acceita os votos,  
 Sabe que o Téjo te conhece toda  
 Entre as cultas nações, tu só me illustras,  
 Eu nada tenho que invejar ao Mundo,  
 Quando em viva abstracção te roubo ao Globo;  
 Sem Filicasa, eu Lyrico me acclamo,  
 Ah! sem Tasso, o Cantor do acceso Oriente  
 Cedera a nenhum outro Epica tuba;  
 E meditando harmoniosamente  
 Eu só fôra o Pintor da Natureza  
 Se Arrighi, e Conti co' os pincéis não dérão  
 A tão grande painel mais alma, e vida.  
 A accessa fantasia hum pouco, hu' pouco  
 Das Musas se lembrou deixando as linhas,  
 Os cubos, e os triangulos de Newton,  
 E a regua de marfim, compasso d'ouro  
 Com que elle mede a Natureza toda.

Com quanta gloria te serviste delle,  
 Tu, que a tudo primeiro o exemplo deste!  
 Não cede, não, Bolonha ao grão Tamisa  
 Menos Florença, que, em jardins envolta,  
 Da Fysica sciencia o Imperio estende;  
 De Newton aa clarão marcha Zanotti:  
 Curvo, e velho Ricatti, abstracto, e mudo  
 A seu sacrario te conduz Urania;  
 De Newton nas fluxões tu luz derramas.  
 Se teve crime a Sociedade extincta  
 Aos olhos da razão, tu lho disculpas,  
 E tu pedes por ella o pranto ao Mundo.  
 Manfredi, e Grandi, e Nicolai, de assombro  
 Enche do Neva, e do Danubio os sabios;  
 Não mais, não mais a progredir se atreve  
 O grande Imperio da sciencia exacta.  
 Onde o claró Sebeto as aguas volve,  
 E ao perto ouve bramir, troar escuta  
 Do medonho Vesuvio o seio horrendo,  
 Chega de Newton a sciencia, e chega  
 O desejo de abrir com aureas chaves  
 Da recatada Natureza o Templo.  
 Orlandi, e Galiani aos astros sobem,  
 E o grão Maraldi lhes franqueia a estrada;  
 Com Cassini outra vez s' exalta o Mundo.  
 Se muito a Galileo deveste, ó Newton,  
 Mais a Italia te deve, as Artes devem,  
 Na Hesperia á perfeição levadas sempre.  
 Mecanica, aos mortaes proficuo estudo,  
 Depois de Newton teu sacrario aberto  
 Eu vejo pela Europa, e mais se apura

Do maquinista Siculo o talento ,  
 Que atalha os vôos das Romanas Aguias ;  
 A força cede a força ás artes sabias !  
 Quasi vejo surgir Numes na Terra ,  
 A cujo aceno os corpos obedecem ;  
 Não hê a Lyra de Anfião que os montes  
 Manda a Thebas chegar , são leis profundas ,  
 Que ás sombras arrancôu da Natureza  
 O estudo da Mecanica pasmoso.  
 Náos se suspendem , diques s' apresentam  
 A' furia sempre indómitta dos mares.  
 Sobe hum rio em Marly , corre hum penhasco  
 A' ribeira do Neva ; e a baze fórma  
 Da colossal , prodigiosa móle ,  
 Que representa o creador de Imperio ,  
 Que hoje a razão defende , o crime insulta.  
 Sem a Italia meu canto erguer não posso ;  
 Se Imperio Mathematico contemplo ,  
 Musckembroêcke , e Belidoro a guerra  
 (Guerra dos sabios são , que o sangue ignoráo)  
 Accendem entre si , disputáo doutos  
 Do movimento de impelidos corpos ,  
 Que a força perdem gradativamente ,  
 Até que a resistencia o móto acabe.  
 Do Sena , e do Tamiza os sabios todos  
 De Newton , de Amontons nas leis insistem ;  
 Eis surge , eis brilha o Bolonhez Palcani ,  
 E onde co' as doutas máquinhas não chega ,  
 Mysterios da razão co' a força abrange ;  
 Traça hum ramo hyperbolico engenhoso ,  
 Assintótico o diz , com elle explica ,

Com elle aclara o disputado arcano.  
 Se as leis dos corpos sólidos se mostrão  
 Em soberana luz, quanto escondida  
 Guardava a Natureza a lei constante,  
 Que pôz desde o comêço ao rio undoso,  
 Que elle na marcha accelerada observa!  
 Mil equações algebraicas a escondem;  
 Vencem-se em fim mysteriosas sombras.  
 Depois de quanto afan, de quanto estudo  
 Tu, Saladini, a theoria expunhas,  
 Que escólho da mecanica tu chamas,  
 Não superavel quasi a engenho humano!  
 Tu deste a Hydrodinamica pasmosa,  
 Teu hemisferio hydraulico os louvores  
 Do taciturno pensador La-Grange  
 Te soube merecer. Ricatti o grande  
 Te abraça terno com silencio augusto,  
 Sobre teu rosto lagrimas derrama;  
 Do Sabio velho a candida ternura  
 Mais te explica, e te diz, que o louro, o premio  
 Que Berlin te mandou, promette o Sena.  
 Mas teus cuidados, as vigalias tuas,  
 O' tu de Urania Sacerdote, e filho,  
 A' sciencia dão luz, que os ceos abrange,  
 Por ti seu Reino estende a Astronomia;  
 Desde o culto Caldeo, do douto Egyptio  
 Té quasi ao berço teu jazia em sombras;  
 Nada avançado tinha A'rabe estudo,  
 Guardador do deposito das letras,  
 Que á furia se evadió do Turco indouto



Depois que a sabia Grecia he cinza , ou nada :  
 Nem mesmo entre os de Dánia agrestes montes ,  
 Onde Ticho elevou seu tubo aos astros ,  
 Solar systema se aclarou de todo .  
 Mas apenas os Ceos co' a mente excelsa ,  
 Sem te assustar o espaço indefinito ,  
 Ousaste passear , como vencida  
 Da douda audacia a Madre Natureza ,  
 Ou fez que o Ceo , se aproximasse á Terra ,  
 Ou que a Terra de perto os astros visse .  
 Leis occultas té alli se patenteão ,  
 E o que Newton expoz , Cassini indaga .  
 Seguindo a piza ao fundador , ao mestre  
 Da sciencia astronomica , empunhava  
 O Telescopio do subtil Campani ;  
 De Saturno os satellites descobre  
 Quasi todos então ; busca as estrellas ,  
 Que immortal Galileo primeiro achára ,  
 Luas de Jove são ; fanal aos nautas ;  
 O espantoso fenomeno nos mostra  
 Da luz Zodiacal , co' a parallaxe  
 Do sanguineo , medonho , accezo Marte .  
 A distancia marcou do Sol á Terra ,  
 Distancia que confunde a mente humana ,  
 E que a luz n'hum momento abrange , e corre ;  
 Sabio traçou Meridiana linha ,  
 E por ella nos mostra o variante  
 Moto veloz da Terra ao Sol em torno .  
 Então mais claro no volume immenso ,  
 Dos Ceos , já quasi aberto , os homens lêrão !  
 Foi-lhe sugeita a abobeda brilhante .

A radio mathemático, qual era  
 O mortal domicilio aos homens dado:  
 Parallaxe annual d' altas estrellas,  
 Que engastadas nos Ceos fixas se amostrão;  
 Idéa falsa se aniquila, e foge,  
 E a lei da aberração mostra a verdade.

Peregrinando pelos Ceos supremos  
 Vão sabios indagar da Terra a fórma  
 Co' a sciencia astronomica se marca  
 Da nossa habitação figura, e termo.  
 Quasi se amostra a longitude ignóta  
 Sobre inconstante mar, onde em cavado  
 Pinho, avaro mortal circunda o globo.

Incessante fadiga a luz derrama  
 No arcano presentido, e ignóto ainda  
 Da obliquidade do angulo, que hum pouco  
 Em cem annos na Ecliptica decresce!  
 Quasi deixáo seu tom da Lyra as cordas  
 Quando dest' arte nos umbraes me entranho  
 Da linguagem dos calculos, que he sombra,  
 Que extrema immensamente, e que divide  
 O frio Euclides do fervente Milton.  
 Ah! de Ariosto aos extases divinos  
 Calculador pousado em vão se ajusta.

Como indignado das prescriptas metás,  
 Achadas até alli no espaço immenso  
 Herschell sobe mais alto, além das tardas  
 Luas, que escoltáo frigido Saturno.  
 Lá corre a suspender na marcha Urano,  
 Leva consigo a Carolina, e ambos  
 Revolução continua, e varia encontrão,

No luminoso anel que o globo cinge,  
 Do nem remóto, ou ultimo Saturno;  
 Quando com elle hum Hercules comparo,  
 Q' Olbers descobre, que a carreira immensa,  
 No gyro de dois seculos absolve.  
 De mais perto se observa a argentea Lua,  
 Gelados montes tem, gelados mares,  
 E tem Vesuvios que vomitão chammas.  
 He cidadão, e morador he quasi  
 Na Terra inda o mortal do ethereo assento.  
 Desgraçado Bailly, fuma o teu sangue  
 No cadafalso vil: tua alma agora,  
 Já solta das prizões, lá vê nos astros  
 Se o grão discurso teu, falhou no Mundo.  
 Se a Terra, dizes tu, se outros Planetas  
 Por centro de seu gyro o Sol conhecem,  
 Talvez, que o nosso Sol, que os Soes, que fixos  
 Parecem ser na abobeda azulada?  
 Tenhão centro commum n'hum Sol mais puro,  
 Mais vasto, e luminoso, e que descrevão  
 Em roda d'elle, essa orbita assombrosa,  
 Que mais remotos tem limite, e termo,  
 Que a fantasia fervida d' hum Váte!  
 La-Lande a imaginou, La-Lande a sente;  
 Mas, foge, foge aos cálculos, ás cifras.  
 Virá talvez hum tempo.... ah! se na Terra  
 Não tiver duração Vandallo Imperio!  
 Em que outros vidros, outros tubos mostrem,  
 Que foi yerdade, e luz tão grande idéa!  
 Depositada está no aureo volume,  
 Que sobranceiro ao cadafalso, ao sangue,

Não ferio com Bailly furor de Tigres,  
 Que ao Sena derão leis, e as dão na Europa,  
 Que os ferros beija voluntaria escrava:  
 Vileza, e corrupção, chegaste a tanto!

Não foi sem fructo, não, ou foi deleite  
 A sciencia Astronomica entre os homens!  
 Ah! quanta, e quanta luz se deve a Newton!  
 Só são dignas de apreço as artes uteis.  
 Quão proficuo aos mortaes he nauta ousado!  
 Se tu, Lysia, tens gloria, ao nauta o debes,  
 Que abriu primeiro do Oriente as portas:  
 E teu nome immortal soou na Terra,  
 Porque teu lenho undívago a cercára.  
 Nas Ilhas do Oceano, e mares todos,  
 Dos Lusos se conserva o nome, e a fama:  
 Muito pôde o valor, pouco a sciencia  
 No seculo inda rude, alheio ás artes!  
 Por que inda hum Newton não subira aos astros,  
 Newton, sciencia, cálculos, systemas  
 Só Magalhães não necessita; basta  
 Que ao lado d'elle vão, vingança e honra;  
 Eis todo o Globo rodeado; he esta  
 A façanha maior da especie humana.  
 Era extincto o fervor nos Lusos peitos  
 Depois que estranhas leis o Tejo ouvira,  
 Do mar o senhorio então transfere  
 A's mãos Britannas o Senhor dos Mundos.  
 De Varennio a fadiga illustra hum Newton,  
 Correm Bretões o mar, e o globo cercão,  
 Não levados do sordido, e terreno  
 Insaciavel interesse de ouro;

Mas só por illustrar, dar mór grandeza  
A' esfera immensa das sciencias todas.

Vai Cook, e vai Byron cercando o Globo  
Por inda não tentada, incerta via;

Então suspendem generosa marcha  
Quando em gelado mar, gelada terra

Da Natureza no decreto attentão,  
Que atraz lhes manda bracear as vélas;

Que onde a Terra acabou, findar se deve  
O trabalho mortal, o amor da gloria.

O' nome Lusitano, ó Patria minha,  
Eu culpo o teu silencio, a huma virtude,  
Que se apraz de esconder-se, eu chamo inercia.

Descreve Newton c'ó compasso d' ouro  
O globo que Varennio exposto havia;

Foi Cook, e foi Byron, foi Bougainville,  
Qual Anson foi guerreiro, e os mares gyrão.

Do Continente austral foge o fantasma,  
Que avarento Hollandez (nem hoje avaro;

Nem já por crimes se conhece a Hollanda)  
Julgou grande porção do globo, e sua.

Assombrado do gelo atraz voltarão,  
Mas nunca hum passo além co' lenho óvante

Da Terra forão que tocára hum Luso;  
Magnanimo Queiroz, déste-lhe hum nome

Para ti foi brazão, e he méta aos outros  
Do nebuloso Sul prescrutadores:

E a gloria de buscar no Mundo hum Mundo,  
Se, ao pensativo Bátavo pertence,

E ao pertinaz navegador Britanno,  
No Tejo as bazes tem, no Tejo a fonte,

Mais além de Queiroz nenhum se avança.  
 Foi entre tantos Magalhães primeiro,  
 Todos de hum centro os raios se derramão,  
 Que vem tocar d' hum circulo os extremos.  
 Tal do centro de luz, que accende hum Newton  
 Se derrama ao grão circulo das artes  
 O perpetuo clarão com que hoje medirão.

Quanto a vetusta Fysica ignorava,  
 Sobre a essencia do ar se mostra aos olhos;  
 Piza-se a immensa fluida substancia;  
 E já senhor do mar n' hum curvo lenho  
 Não lhe basta do Globo o Imperio inteiro,  
 Se o dominio o mortal não tem dos ares;  
 Lá sóbe, la passêa, e vê seguro  
 Debaixo de seus pés cruzando os raios.  
 Do antigo Architas se escureça a Pomba;  
 Maior prodigio guarda a idade nossa.  
 Eu vejo pelo ar volantes carros,  
 Quaes vão nas ondas os baixeis arfando;  
 E nelles os mortaes tranquilllos vejo  
 Sem temer o despenho, e não lhes lembra,  
 Que afrontada dest' arte a Natureza,  
 Tire vingança da famosa injuria.  
 Eu vejo o golpe, e a victima primeira  
 Em Rosier intrepido, que sobe;  
 Elle o primeiro foi, mas prestes passa,  
 Do regaço da gloria ás mãos da morte.

Porém mais uteis os trabalhos vejo  
 Dos sabios, que o caminho a Newton seguem;  
 Eis a fonte de incognitos arcanos  
 Aberta aos olhos dos mortaes absortos;

Eis o electrico fluido pasmoso  
 De phenomenos mil já causa ignóta ;  
 Do raio a patria se conhece , e teme ,  
 He das nuvens a electrica peleja.  
 Se trôa , se rebrama o escuro Inferno  
 Dentro do bojo de Vesuvio , e exhala  
 O fumo que se expande , e o Ceo nos rouba ,  
 E traz ao dia de repente a noite ,  
 E aquella chamma , que entre estragos tantos ,  
 Chora o Mundo o maior , de Plinio a morte ;  
 Aqui descobre electricismo o Sabio.  
 Sabios illustres , que mysterios tantos  
 Descortinar , e conhecer podestes ;  
 Legislador Americano , os évos  
 Teu nome guardarão ; Nollet , teu nome  
 Da sapiencia nos annaes gravado  
 Eternamente vivirá ; se as artes  
 Barbaridade , que extermina tudo ,  
 Quizer poupar da aluvião de ultrages ,  
 Que ás leis , á Natureza , e aos Ceos tem feito.  
 Da multi-forme Boreal Aurora  
 Mairan , seguindo os calculos de Newton ,  
 Expoz a causa aos seculos ignota.  
 Da atmosphera solar porção tirada  
 Por veloz rotaçáo do terreo globo.  
 Ao ar então se communica espesso ,  
 Que as tristes regiões do Polo abafa.  
 Tu , de Bérgamo o tymbre , sabio illustre ,  
 Tu , Savióli , que na Lyra d' ouro  
 Cantaste os dons de Eráto , os dons d' Urania ,  
 Do Volga , e do Boristhenes ás margens

Foste observar de perto o accezo quadro,  
 Do Boreal Fenomeno, tu viste  
 Nos gelos que c' os Ceos quasi confinão  
 A reflexão dos luminosos raios,  
 E tantos, taes listões formar nos ares,  
 Que pelas vastas regiões das sombras,  
 Ou dà morte talvez, suprem hum dia.

Das Artes no progresso a gloria vejo  
 Da indagadora Chimica, que tanto  
 Da Europa pelos angulos se acclama  
 (Com tanto ardor, que enthusiasmo he, certo!)  
 Interpetre fiel se diz da vasta,  
 Té agora occulta Natureza toda.  
 Já de antigos delirios despojada,  
 Se ella analyza os simplices, não busca,  
 Lisongeando sordida avareza,  
 As pedras converter, ( que insania!) em ouro!  
 Té mãos Imperiaes viste, ó Florença,  
 Depondo o sceptro, tactear cadinhos;  
 Tanto o prestigio de tal arte pôde!  
 Mas se delies a Purpura não foge,  
 Fogem por certo as Musas d'espantadas:  
 Nega-se a Lyra a barbaros, e escuros  
 Termos, que jurão sanguinosa guerra  
 Do metro Luso á mágica harmonia.  
 Morre-me a chamma, que me ferve n'alma;  
 Se hydrogenio, se azóte, ou se oxigenio,  
 Ousados vem barbarizar meus versos.  
 Não te negão porém lugar, nem gloria,  
 Lavoisier illustre, que hum momento  
 Inda pediste ao barbaro Tyranno,



Da vida, ai dor! que despiedado córta,  
 Em que inda mais á Natureza abrisses,  
 Nunca de todo, o sanctuario, aberto!  
 Mas hum Tigre quer sangue, e não sciencia;  
 Tu não choras a vida, a perda choras,  
 De huma verdade, que comtigo em sombra  
 Perpetuamente no sepulcro he posta.

Nem do globo as reconditas entranhas  
 Da vista ao sabio indagador se occultão;  
 Tal he o Imperio do brihante facho,  
 Que Newton accendeu! Henckel, Bomáre  
 Então das minas pela tréva espessa  
 Perdem da vista o Sol, da vista o dia,  
 E á debil luz de pálida lanterna  
 O profundo vão ver Laboratorio,  
 Em que os metaes prepara a Natureza:  
 Dos homens os quiz pôr, tão longe, e longe!  
 Vio que do ferro só, não curvo arado;  
 Mas liza espada fabricar devião,  
 E do bronze os canhões, que o raio imitão,  
 A tanta assolação chamando gloria.  
 Mais o ouro escondeu no abysmo, e sombra,  
 Devendo ser do mérito a corôa,  
 Quasi sempre he do crime o premio, e causa.

Mas eu duros metaes deixo nas sombras:  
 Distem pouco do Inferno, eu busco o quadro,  
 Que em sua face a Natureza mostra.  
 Estudo immenso, dos mortaes só digno,  
 Perenne fonte das sciencias todas,  
 Das mesmas Artes mái que estende o Imperio  
 Por quanto abraça o ar, a terra, os mares

Desde o vasto Elefante , á vaga , e bella  
 Borboleta gentil , que beija as flores :  
 Da gigantesca , ou colossal Balêa  
 Ao pequenino lucido testaceo ,  
 Que , igual ao grão de arêa , á vista foge :  
 Desde o cedro soberbo , á relva humilde ,  
 Que os gados tózão , que tapiza os prados.  
 Estudo liberal , que a engenho humano  
 Descobre vasto , interminavel campo ,  
 Que o orgulho scientifico confunde  
 Com tanto , vario , e diferente objecto ,  
 Que imperceptiveis relações conserváo ;  
 Quaes anneis entre si ligados sempre ,  
 Interminavel a cadêa formáo ,  
 Que prende , e tem principio em Ser Eterno.  
 Tão vasto estudo , glorioso , e bello ,  
 Tanto mais se cultiva , e mais florece ,  
 Quanto he menos pezada , e menos densa  
 Nuvem que assombra o social estado  
 De Antiquario pedante , ou Vate inerte ,  
 Vadio adorador d' alta belleza ,  
 Cujá vida he desprezo , a morte he fome :  
 De hebdomadal efémera caterva ,  
 Que do nada surgio , e ao nada torna  
 Depois que o povo no momento d' ocio  
 Escarneceo profeticas pormessas.  
 Estudo augusto , que propaga , e cresce  
 Onde menos o estólido Forense ,  
 E impertinente Puritano existe ,  
 Rico de frases só , de cousas pobre :  
 Onde menos a enfática Impostura

Precursora da morte, a morte apressa ;  
 E o Quinhentista moedor , mysterios  
 Nos párece mostrar , se mudo , e triste  
 Pulverulento códice idolátra ,  
 Que he rico só de antiguidade , e traça.  
 De insectos taes em ti não viste a praga ,  
 Aviltada Germania , ah ! quando ao Mundo  
 O grande author das mónadas off'rece  
 A Prothoea. Nem Britannia a sente  
 Quando Johnston , Derrham , e hum Lister dava ;  
 Nem com elles , Italia , então gemeste  
 Quando dava a Botanica Zanoni ;  
 Quando hum Morgagni teu , quando hum Borelli ,  
 Nos penetraes da Natureza entravão :  
 E quando Valisnéri a expunha toda ;  
 Já limpa , e livre de pedantes eras ,  
 Quando a tócha accendia Spalanzani ,  
 E arranca de seu seio altos arcanos ,  
 Quaes desde o grande Peripáto os evos ,  
 Nunca atélli descortinar poderão.  
 Nem Gallia (agora escrava em sangue , e ferros ;  
 Qual de Piratas viz n' Africa Emporio ,  
 Que o mar Tirreno co' as Galés infesta ; )  
 E de rapina , e violencia existe ,  
 De Novellistas oppremida estava  
 Quando o grande Buffon n' hum quadro immenso  
 A Natureza á Natureza mostra.  
 Se a tempestade das Novellas surge ,  
 Se os Jornaes a si mesmo , e os homens matão ;  
 Se a militar , politica mania  
 Começa de deixar tão ermo o Globo ,

He pastor Daubenton , Sonnini expira  
 ( Inda feliz que ao cadafalso escapa )  
 Do esquecimento , e da penuria em braços .  
 Da Natureza não prospéra o estudo ,  
 Nem se conhece hum Newton , se estes vermes  
 Da sciencia os alcaçares maculão :  
 Nunca do Tejo ás margens se aproximem ,  
 Terá throno a sciencia , as Artes preço :  
 Lusitania terá Buffons , e Plinios ;  
 E Vates , que estudando a Natureza ,  
 Saibão dar justo emprego ao dom das Musas ,  
 Se tem tal nome , o ingenito talento ,  
 Que alta facundia a numeros sugeita ,  
 Que em grande tudo vê , que imagens falla ,  
 E que , a razão ligando á fantasia ,  
 Dá força , dá calor , dá vida a tudo .

Mas de tristeza hum véo me envolve , e fecha  
 Tudo o que palpo , e que diviso , he sombra !  
 Della vejo romper Fantasma horrendo ;  
 Ao rosto atroz , ás sanguinosas vestes )  
 Eu conheci , ( que dor ! ) Barbaridade !  
 De Omar a ferrea Simitarra empunha ,  
 Na esquerda , e negra mão fulgura a tócha ,  
 E se me antolha já q' hum vasto incendio  
 Das Artes o deposito consume :  
 Que já são pasto da estridente chamma  
 Das Musas todas as vigalias doutas !  
 Nem teu mesmo volume escapa , ó Newton . . . .  
 Oh perda ! . . O' Albion , manda os teus raios  
 Elles podem vedar barbaro incendio .  
 Corre , e na Hespanha pulveriza os monstros ,

Que onde quer que do corpo a sombra espalhão ,  
 Túrva se o ar , se esteriliza a terra ,  
 Da vida , e da sciencia amor expira .  
 Em quanto além do Vistula rompendo  
 D' honra , e valor o sufocado incendio  
 Desfeicha o raio , que talvez da Europa  
 De huma vez para sempre a injuria vingue .  
 Então do cáhos recuando o Imperio ,  
 Hum dia assomará que traga ao Mundo  
 A luz que a Grecia vio , quando na escóla  
 O Genio de Estagira absorta ouvia ;  
 Quando acceso Demosthenes da boca  
 D' aurea elequencia as ondas entornava ,  
 E além das nuvens Pindaro subia ;  
 A luz já vista fulgurar em Roma  
 Quando Augusto a seu lado assenta Horacio ,  
 Ou Tullio a dubia liberdade escóra :  
 Qual seculos depois raiou mais clara  
 Do Decimo Leão no Imperio eximio ,  
 Quando o Segundo Julio ás Artes abre  
 O Templo , que até alli fechara o Godo :  
 A luz que a França mais ditosa vira  
 Do tão Grande Luiz brilhar nos dias .  
 Então dos Ceos descendo a Paz serena ,  
 Da porficua Oliveira ao lado os Louros  
 Fará brotar , reverdecer , c'roar-se  
 Com sua rama a magestosa frente  
 Do profundo Filosofo , e do Vate .

*Fim do IV. e ultimo Canto.*

1861

Faint, illegible text, possibly a list or account, covering the majority of the page.

1861









